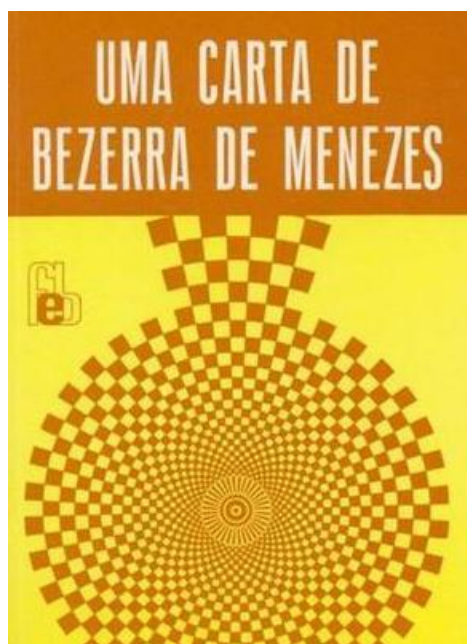


Bezerra de Menezes

Uma Carta de Bezerra de Menezes

A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica

(1946)



Conteúdo resumido

Uma carta de Bezerra de Menezes - Publicada originalmente no Reformador, durante o período de 3 de outubro de 1920 a primeiro de maio de 1921, sob o título de “Valioso Autógrafo”, posteriormente saindo como opúsculo intitulado A doutrina espírita como filosofia teogônica. Carta dirigida a seu irmão Manoel Soares Bezerra, líder católico de Fortaleza, confrontando as teses cristã e católica, tecendo considerações profundas de filosofia religiosa, cuja abordagem culmina com a apresentação dos antecedentes históricos do espiritismo e princípios doutrinários como inferno e reencarnação. Chegou a ser publicado pela Edicel, com o título A doutrina espírita, sob a orientação de Freitas Nobre.

Expõe tese doutrinária, estabelecendo o confronto entre Cristianismo e Catolicismo, veiculando os mais delicados aspectos da filosofia religiosa. É uma epístola de cerca de 100 páginas, dirigida a Bezerra e seu irmão. Elucida temas como: antecedentes históricos do Espiritismo, inferno e reencarnação. É uma verdadeira profissão de fé espírita, que bem reflete todo o convencimento de seu autor.

Sumário

Explicação necessária / **03**

Razão de ser do Espiritismo / **42**

Princípios Fundamentais do Espiritismo / **62**

Explicação necessária

Com os títulos e subtítulos sobre que naturalmente já o leitor demorou o seu olhar ao atentar na capa e na folha de rosto deste volume, a que nestas páginas se lhe oferece é a mesmo primoroso trabalho com que, debaixo da epígrafe de - "Valioso autógrafo" - o "Reformador" abrilhantou e enriqueceu suas colunas em quinze números sucessivos.

De mudado, pois, aqui só há o título que, apropriado à publicação feito no órgão da Federação, não mais quadraria ao trabalho doutrinário em questão, desde que apresentado sob a forma de livro.

Acompanhando esta explicação, destinada a evitar qualquer suposição errônea ou equívoca da parte dos que adquiram o presente opúsculo, justo é se insira neste lugar a que o "Reformador" publicou, assinalando o valor excepcional do escrito cuja divulgação ele ia fazer e fez.

"Trata-se, disse, ao referir-se pela primeira vez à dádiva que a Federação recebera do venerando confrade que se chama Juvenal Galeno, trata-se de uma carta escrita pelo apóstolo brasileiro a um seu irmão germano que, naquela época (1886), lhe exprobrava a haver abraçado o Espiritismo, como réu de apostasia. Nessa carta que é antes tese doutrinária de grande relevo, desenvolvida naquele estilo blandicioso, de arminha, que lhe caracteriza a individualidade inconfundível, o autor dos Estudos de Max vazou a sua alma de crente e, pondo em confronto o Cristianismo e o Catolicismo, traçou páginas edificantes de filosofia religiosa."

Algum tempo depois, noticiando que em o número seguinte começaria a publicação, disse ainda o "Reformador":

"Se carta se pode denominar o escrito a que aludia pela familiaridade e gentileza do estilo em que foi moldada, não deixa, por isso, de ferir, com a maior nitidez e elevação de vistas, os mais delicados e transcendentos aspectos doutrinários. O apóstolo ímpar do Espiritismo evangélico no Brasil, o missionário incontestado que soube, da primeira hora, abranger numa síntese admirável o desenvolvimento da Nova Revelação para o futuro da Humanidade; o discípulo de Jesus, que deu a esta casa (a Federação), como homem, todo o condão da sua bondade e alto saber e,

ainda hoje, como desencarnado, é um de seus guias mais estrênuos - Bezerra de Menezes, enfim, grafou naquelas cento e tantas páginas, em miúda caligrafia, uma verdadeira "profissão de fé espírita", em cerrada argumentação de confronto com a dogmática do Catolicismo, fervorosamente partilhado por seu irmão pela carne, que não, ao tempo, pelas idéias."

Finalmente, quando noticiou que chegara ao termo da publicação, inseriu estas linhas:

"Traçadas sem o pensamento de que viessem a ver a luz da publicidade, o que ainda mais lhes realça o valor intrínseco, as sapientíssimas e luminosas páginas (as que acabavam, de ser publicadas) teriam ficado talvez ignoradas para sempre, se não fora a cativante oferta de Juvenal Galeno. Uma vez, porém, que tal não aconteceu, graças ao munificente gesto desse octogenário de espírito juvenil, não é justo que, por nosso lado, as deixemos esquecidas no corpo de uma revista que nem todos colecionam e onde a leitura de um trabalho extenso é mais ou menos incomoda.

Meu caro irmão e amigo Soares.

Recebia prezada carta em que Você derrama suas lágrimas de pesar pelo mau caminho que leva minha alma, afastando-se da educação religiosa que recebi com o leite - e abraçando idéias falsas, políticias e demoníacas, quais as que ensinam o Espiritismo.

Vejo, na veemência com que V. ataca a doutrina espírita, dois elevados sentimentos, que não posso deixar de tomar na mais séria consideração. O primeiro é o fervor com que abraça as puras verdades da divina revelação feita à Humanidade pelo Santo dos Santos. O segundo é o amor que deve ligar todas as ovelhas do rebanho do Senhor - e que V. manifesta a meu respeito, com a dedicação especial da fraternidade pelo sangue.

Fujo de discutir crenças religiosas, porque respeito às de todo o mundo, convencido da verdade, de que "muitos caminhos conduzem à casa do Pai". Aqueles dois motivos, porém, me coagem a fazer uma exceção a seu respeito, principalmente o último, que profundamente me comove. E, para começar, permita-me justificar a citação que fica acima e que parecerá herética a quem entende que "fora da Igreja não há salvação" e, portanto, que não há senão aquele caminho para a casa do Pai.

O homem vai, na vida, semeando boas e más ações, porque não há um que não pratique de umas e de outras. O mais puro espírito tem suas fraquezas. Nem uma ação da criatura humana é esquecida ou desprezada no julgamento de sua vida. Assim, pois, contam-se as boas aos maus, como se contam as más aos bons. Isto é rigorosamente ortodoxo.

Desse postulado resultam que sofrerá penas a alma que tiver praticado, em vida, mais obras ruins do que boas - e que terá prêmio a que contar mais ações boas do que más. O essencial, para o prêmio e para o castigo, disse-o Jesus à Samaritana, não é adorar a Deus no monte Garisim, nem em Jerusalém, mas sim adorá-lo em espírito e verdade. E S. João, em Êfeso, quando chegado à extrema velhice, limitava a sua prédica a dizer: "Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros". Respondia aos que se queixavam de não lhes dizer senão a mesma coisa todos os dias: que naquilo se encerra todo o preceito do Senhor.

Se a salvação pode ser alcançada, não se adorando a Deus neste ou naquele templo, desta ou daquela forma, mas simplesmente adorando-o em espírito e verdade; se adorá-lo em espírito e verdade é amá-lo sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; se tudo o mais não passa de meios de dispor a alma para chegar ao estado de adorar a Deus em espírito e verdade, amando os seus semelhantes; se o essencial se encerra naqueles simples princípios; é de fé e de razão: que o mouro, o judeu, o acatólico, em suma, podem chegar à casa do Pai sem ser pelo caminho da Igreja.

E isso não é uma heresia, porque Melquisedeque foi sagrado sacerdote do Altíssimo, apesar de não seguir a lei que fora dada aos descendentes de Abraão, que era a verdadeira lei.

E isso foi confirmado pelo egrégio Pio IX, na oração que V. deve conhecer, em que declara, expressamente: que pode salvar-se o próprio selvagem, que tiver a intuição da verdade eterna, afeiçoar seu espírito e acomodar suas obras a essa verdade.

Não é, portanto, herético dizer-se que muitos caminhos levam à casa do Pai, assim como já não é lei imprescritível o - fora da Igreja não há salvação.

Isto foi um exórdio.

Eu me preocupo sem cessar com o que pode aproveitar à minha alma,

considerando esta vida, com todas as glórias que oferece uma simples parada (pouso) na infinita viagem que temos de fazer, em busca da casa do Pai. Creio, portanto, em Deus Padre Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra - e creio que sou um espírito por Ele criado para a imortalidade.

Não sou cristão, porque meus pais me criaram nessa lei e me batizaram; mas sim porque minha razão e minha consciência, livremente agindo, firmaram minha fé nessa doutrina sublime, que, única na Terra, eleva o homem, em espírito, acima da sua condição carnal - e que por si mesma se revela obra de infinita sabedoria, a que o homem jamais poderá chegar.

Tendo diante dos olhos de minha alma o código sagrado da revelação messiânica, procuro sem descanso arrancar de mim os maus instintos naturais e substituí-los pelas virtudes cristãs. Tendo fé, tenho esperança e, quanto à caridade, procuro tê-la, o mais que me é possível, na medida do ensino de Paulo. Não guardo ódio e perdoa as injúrias, evito fazer mal e procuro fazer bem aos próprios que me odeiam.

Se eu não fosse cristão - e cristão convencido, pensa. V. que haveria consideração mundana que me fizesse suportar as calúnias injuriosas de que tenho sido vítima?! Deus sabe quanta energia me tem sido precisa para conter os ímpetos de minha natureza ferosa, nessas dolorosas conjunturas em que me tenho visto. Tenho, porém, sempre vencido, porque o que mais me enleva e arrebatava, de tudo o que faz parte do celeste ensino, é o diligite inimicos vestros et benefacit his qui oderunt vos - é essa fórmula que só Deus podia dar a mais suave e encantadora de todas as virtudes humanas: a filha do céu, divina caridade. Eu me empenho, portanto, em fazer da minha vida um ato constante de contrição, embora fraqueie nessa resolução.

Que vale mais? Não ir à missa, nem confessar-se e cuidar de corrigir, trabalhando dia e noite, as ruins inclinações de seu espírito - ou ir todos os dias à missa, confessar-se todas as semanas - e deleitar-se em maus pensamentos - e dar largas ao descomedimento da língua - e irritar-se pelas ofensas ao ponto de procurar vingar-se - e pagar mal por mal - e, finalmente, não cuidar de afeiçoar a alma à pura moral de Jesus - Cristo?

Não quero dizer que aqueles dois tipos não possam fundir-se, que o que se esforça por varrer da alma os ruins sentimentos não possa ir à missa e confessar-se; mas sim que um é essencial e infinitamente superior.

Em relação à missa recomendada pela Igreja em seus mandamentos, penso que grande é o seu valor como prece erguida pelos filhos ao Pai. E nunca em minha vida manifestei desprezo por esse gênero de preces, que respeito e acato. Entendo, porém, que, prece por prece, mais vale a que recomendou Jesus no Sermão da Montanha, do que a que a Igreja recomenda. Sabe V. que o Divino Mestre disse ali: "Quando orardes retirai-vos ao vosso quarto, fechai a porta e rezai em segredo."

A oração em segredo tem dois grandes merecimentos sobre a pública. O primeiro é que fica escoimada de hipocrisia, que não poucas vezes eiva as que são feitas em público. O segundo é que a alma se isola mais facilmente do mundo e se concentra de modo a quase poder conversar com Deus. Na Igreja há tantas coisas que nos privam de tão profícua concentração!

E' verdade que a missa é a representação do sacrifício do Cordeiro Imaculado e tem por isso grande merecimento, mas, desde que oramos como ele próprio recomendou, temos feito a mais meritória oração. Não tenho remorso de não ir à missa, desde que oro em meu quarto, a portas fechadas, como me mandou orar o divino Jesus. Demais, o essencial não é a forma, é o fundo; não é o meio, é o fim. E o fundo e o fim são a purificação da alma. Entretanto, repito, nunca disse que a missa não tem grande valor, nem deixei de ir a ela propositadamente.

A confissão, também recomendada pela Igreja, é inquestionavelmente um valioso meio de purificação. E' um meio, mas não o único. Aquele que faz constante exercício de dominar suas paixões, que, arrependido do mal que pratica, procura repará-lo, tem empregado um meio mais valioso, porque constante, para chegar ao fim da confissão.

Por outra. O que não descansa no trabalho de purificar sua alma, que todas as noites faz exame de consciência, renuncia ao mal que fez e faz propósito de se emendar, confessa-se constantemente. Falta-lhe a absolvição, é verdade; mas essa lhe virá de Deus, que disse por seu profeta: "Eu não quero a morte do ímpio, senão que ele se arrependa e venha a Mim."

O arrependimento sincero e a boa vontade trazem consigo a absolvição do Senhor. Mais vale o constante, esforço por combater-se do que dez mil confissões. Entretanto, repito, reconheço o grande valor desse meio de

purificação e nunca disse o contrário; antes, em romances que tenho escrito, com puro intuito moral, preconizo-o.

Sigo o Espiritismo e, conseguintemente, não posso ser cristão.

Afirmo-lhe que V. fala assim, porque nunca estudou o Espiritismo a fundo. Faz-se com essa doutrina o que se faz com a maçonaria, que, no Brasil pelo menos, é o mais estrênuo propulsor do culto de nossa religião. Isto é verdade, quer queiram, quer não queiram, e contestá-lo é negar a mais respeitável autoridade da Terra.

Pois eu lhe digo, embora V. sinta em minhas palavras cheiro de enxofre: Nunca apreciei tão perfeitamente, para admirar e adorar, o sublime ensino de Jesus Cristo, como depois de ter estudado a doutrina espírita.

E V. me diz que são incompatíveis!

O fanatismo religioso afasta o homem da pura e verdadeira religião. O fanatismo religioso foi o que perdeu o sacerdócio hebreu, repelindo as verdades do novo ensino, pelo simples fato de modificarem o ensino mosaico.

Compreendo a maior reserva na aceitação de uma idéia nova; mas não compreendo a repulsão sistemática de toda idéia nova.

Vamos, porém, por partes a este estudo para que V. me chamou, embora, em vez de uma carta, tenha eu de escrever um livro. Discutirei, aqui, a origem, a razão de ser, o modo de ensino e os princípios essenciais dessa filosofia teogônica, que pretende os foros de revelação e que os fanáticos, sem estudo, sem forma de processo, denominam "diabolismo".

Origem

V. revela não conhecer os princípios fundamentais do Espiritismo, dizendo que são os de Pitágoras, que, como se sabe, foram colhidos no Egito e abraçados por Platão.

A metempsicose, tanto no reino dos Faraós, como na Grécia, consistia na transmigração das almas do corpo humano para corpos de animais irracionais, voltando à primitiva forma depois de três mil anos, segundo os Egípcios, e de mil, segundo Platão.

O Espiritismo não admite transmigração; estabelece a pluralidade de

existências, mas todas com o puro caráter humano. O espírito é criado para a perfeição, pelo saber e pela virtude, e marcha a seu destino através dos séculos, progredindo no duplo sentido, mediante múltiplas encarnações, até chegar ao estado de pureza exigida para poder entrar na sociedade de Deus, que é o destino humano, segundo a Igreja. Isto não é o mesmo que aquilo, salvo para, quem confunde uma foice com um machado pelo fato de terem a mesma composição e se prestarem aos mesmos efeitos.

Também não é o Espiritismo, como diz V., filho do politeísmo, religião dos demônios, que Jesus Cristo expulsou. O Espiritismo não reconhece senão o Deus dos Cristãos - o Eterno Jeová, a quem rende o mais submisso culto e a quem invoca, pelas preces da Igreja, assim como ao Cristo, que toma por modelo em todo o seu ensino. O Espiritismo não empresta a Deus as paixões humanas, como fazia o politeísmo, nem dá aos homens os atributos divinos, como fez a Igreja. O Espiritismo é, nesse ponto de vista, ardente sectário da religião revelada. Por outra: Em Moral e Teodiceia, ele não altera uma vírgula ao que está escrito.

E' um ponto muito importante, que merece bem o seu estudo, para se expurgar dos falsos juízos, a que o arrastaram, sem dúvida, escritores desleais, que tudo se permitem, até mesmo adular as mais claras idéias do adversário, contanto que possam, no fim, bater palmas e reclamar as do triunfo. Inglório triunfo esse, que é alcançado pelo sofisma e pela falsificação!

Eu lhe afirmo que a moral espírita é a pura moral cristã: amor e caridade.

Eu lhe afirmo que a verdadeira Teodiceia espírita não difere, numa linha, da Teodiceia ortodoxa. E digo a verdadeira, porque a doutrina tem discípulos, como os tem a Igreja.

E' verdade que Moisés baniu de seu povo a prática de evocar o espírito dos mortos; mas é confundir um acidente com o fato essencial dizer, por isso, que o Espiritismo foi condenado por Moisés. A evocação de espíritos não constitui o Espiritismo, não passa de um fenômeno insignificante, em relação aos princípios da doutrina. Mas, ainda que a proibição de Moisés fosse uma condenação da doutrina, não era isso razão para considerá-la diabolismo, uma vez que a Sagrada Escritura autoriza a fé na

comunicação dos Espíritos dos mortos com os dos vivos, por muitos exemplos, de que lembrarei o de ter Saul evocado, por meio da profetisa de andor, o espírito de Samuel, com o qual conferenciou. Aqui se evidenciam, não só a verdade autêntica das comunicações, como a sua inocência; pois que, se fosse um pecado, o preclaro varão, que já era do Paraíso, não se teria prestado a tal coisa. Dizer que o fato é real e inocente não vale o mesmo que afirmar a sua conveniência? Inquestionavelmente há perigos em questionar os mortos por descobrir os segredos do futuro. Se Deus os quer ocultar ao homem encarnado, é porque assim convém que seja. Não tem, pois, o valor que julga a prescrição de Moisés.

Deixemos, porém, estes incidentes e vamos à questão capital: a origem do Espiritismo, ou doutrina das vidas múltiplas.

A idéia básica desta doutrina, a pluralidade de existências, não é nova, como disse V., embora aplicando mal a metempsicose. Ela vem da origem dos tempos históricos, como a caridade, que serve de característica à doutrina de Jesus Cristo. O que se deu com uma e com a outra foi que um dia passaram de concepções intuitivas da Humanidade à ordem de princípios definidos e de elementos integrantes de um sistema teogônico, apresentado ao mundo como verdade descida do Céu.

No Oriente, a caridade e a pluralidade de existências foram colunas em que assentou a doutrina dos brâmanes e do Buda. E nem por já ter aquele curso forçado em todos os países aonde chegou à estupenda civilização bramânica, se poderá dizer: que o Cristo foi um plagiário. Os princípios eternos são dados por intuição ao homem, diz Santo Agostinho, e confirma-o a mais trivial observação na ordem seguida pela revelação divina. Ha, porém, para cada um, tempo marcado pelo progresso humano, para passar da ordem de simples intuição á ordem de lei humana. E aquele que fez essa transformação foi o ministro do Senhor.

O Cristo foi, portanto, quem fez germinar a semente da caridade, lançada à Terra desde o princípio da Humanidade; como o Espiritismo está fazendo germinar a semente das vidas sucessivas, que a Humanidade só agora está em condições de compreender, não em si, porque não há

nada mais compreensível, mas em suas relações, no plano teogônico a que serve de pedra angular, o que reclama muito mais fina compreensão. A antiguidade, pois, não exclui a novidade de uma idéia teogônica, visto que todas foram dadas intuitivamente ao homem, desde a sua criação.

Também a demora de sua sacração, no sentido de vulgarização, nada prova contra a sua verdade, porque a verdade tem sido dada à Humanidade progressivamente e porque o próprio Jesus Cristo disse que muitas outras verdades deixavam de ensinar, por não ser oportuno. Há, pois, verdades prometidas por Jesus, além das que ele ensinou. Não será a que serve de base ao Espiritismo, essa sucessão de vidas corpóreas, uma das tais?

Convido-o a estudar esta tese.

Passemos em rápida revista: primeiro, a antiguidade profana; segundo, a antiguidade sagrada; terceiro, os autores modernos e contemporâneos.

Subdividamos a antiguidade profana, em quatro pontos: a teologia - a filosofia - o druidismo - e os mistérios, a que juntaremos um quinto a metempsicose. Assim teremos ouvido a universalidade da opinião pagã.

Os Vedas, livro sagrado dos Indus, consignam inúmeras manifestações, como esta: "Eis-me, de novo, revestido de um corpo".

O Bagavat-Gitá, no Shastah e no código de Manu, manifesta-se positivamente. No Shastah se encontram mil passagens como esta: "Eu tenho muitos renascimentos; e tu também Arjuna." "Como trocamos por novos os vestidos usados, assim a alma deixa os corpos gastos para vestir outros."

O Budismo é, como sabe, um ramo do Bramanismo, assente sobre a mesma base: a pluralidade de existências, que se procura evitar pelo nirvana, ou existências sem consciência.

O Mazdrismo, que se distancia do Bramanismo por não admitir a origem divina, do mal, e do Cristianismo, como é interpretado, por não admitir o triunfo do mal, pela eternidade da pena, consigna o princípio de que os homens recomeçam a existência, cometendo as mesmas faltas e ficando sujeitos às mesmas causas do mal.

Por Heródoto sabemos que os Egípcios tinham por dogma a imortalidade da alma; mas que esta levava de uma encarnação a outra três mil anos, durante os quais percorria corpos de animais.

Os Gregos e Romanos acreditavam nas vidas múltiplas.

Louis Ménard, falando da metempsicose, diz: "Os mortos podem procurar novos destinos - e reencarnar, pelo Létis, no turbilhão da vida universal; podem tornar à Terra, uns para repararem as faltas de uma vida anterior e se purificarem por novas lutas, outros, os redentores mortais, por conduzirem os povos desencaminhados à prática das virtudes antigas.

"Vê-se, por isso, que a crença no hades dos Gregos e no Amentis dos Egípcios não fazia desses lugares senão estações temporárias, donde a alma imperfeita volvia ao círculo das existências corpóreas, no seio da Humanidade terrestre.

"Virgílio, depois de descrever as penas do Tártaro e as recompensas do Elísio, diz: Todas essas almas, depois de terem, por mil anos, levado a existência naquelas paragens, são chamadas por Deus, em numerosos enxames, ao rio Létis, a fim de que, privadas de suas lembranças, voltem aos lugares superiores e conexos - e comecem a sentir desejos de tornar aos corpos:"

Assim, pois, toda a teologia pagã da antiguidade profana, o que vale por dizer - todos os povos antigos tinham a crença de que o espírito tomava múltiplas encarnações.

Revistemos a filosofia pagã, com a mesma rapidez com que percorremos a teologia. Platão tentou firmar em provas a verdade das vidas sucessivas e no Fédon desenvolveu largamente as duas principais: uma tirada da ordem geral da natureza; a outra, da consciência humana.

"A natureza é governada pela lei dos contrários. E, pois, visto que a noite sucede ao dia, é de rigor que à morte suceda a vida. Além de que, se ex nihil nihil, os seres que vemos morrer não podem deixar de voltar à vida, porque, do contrário, tudo acabaria absorvido na morte - e a natureza seria um dia o que é o Endimião."

Passando à segunda prova, acrescenta: "Ali encontramos o mesmo

dogma atestado pela reminiscência. Aprender é recordar. Ora, se nossa alma se recorda de já ter vivida antes de descer ao corpo, como o provam as idéias inatas, porque não crer que, deixando ela este corpo, possa vir animar muitos outros?"

E' verdade, como já disse, que tanto o grande vulto da antiguidade como Pitágoras acreditavam na passagem das almas pelos infernos durante mil anos; mas a questão capital era que, punidas as faltas, pelas transmigrações metempsicósicas, voltavam elas a nova vida corpórea e humana. Sua filosofia consistia, pois, nas vidas sucessivas com o livre arbítrio e as penas reparadoras, como se vê pelos seguintes trechos:

"Todos os Seres intelectuais são sujeitos a mudanças cujo princípio existe neles. Aqueles, cujos costumes não sofrem senão ligeiras alterações estão sempre sobre uma superfície quase de nível. Os que sofrem alterações sensíveis, para o mal, são precipitados nas regiões subterrâneas, chamadas: inferno, onde são perseguidos por terrores, por sonhos funestos, que os conturbam. A alma, porém, que faz progressos notáveis, por uma vontade firme, se o progresso foi para o bem, recebe grandes distinções e passa a uma habitação das mais felizes. Se, porém, o progresso foi para o mal, vai habitar um lugar conforme com o seu estado."

Mais ainda.

"Tal é, meu filho, a justiça dos habitantes do Céu. Se nos pervertemos, somos transportados à habitação das almas criminosas. Se nos aperfeiçoamos, somos transportados, vamos conviver com as almas santas. Em uma palavra: na vida e em todas as mortes que sucessivamente temos, recebemos o tratamento que naturalmente que merecemos."

Plotino, no curso de suas Enéades, diz: "E' dogma de toda a antiguidade e universalmente reconhecido que, se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las, sofrendo punições nos infernos tenebrosos, sendo depois admitida a novos corpos, para recomeçar suas provas."

Porfírio, admitindo como fato provado a idéia de Platão sobre a reminiscência, ensina que já existimos numa vida anterior, que nela cometemos faltas e que é para expiar essas faltas que somos novamente revestidos de um corpo.

"Se suportamos a prova com resignação, cumprindo exatamente os

deveres que ela nos impõe, subimos gradualmente ao Deus Supremo, passando pelas condições de herói, de Deus intermediário, de anjo, de arcanjo, etc., etc."

Jâmblico merece ser ouvido sobre o juízo, sobre o castigo, sobre a purificação das almas:

"Segundo a maioria dos pitagóricos e platônicos, é pelas almas particulares que se executam aqueles três atos; mas, segundo os filósofos que melhor têm estudado a questão, é pela alma universal, que preside à ordem do Universo - pela inteligência régia, que dá ao mundo sua beleza, que são eles executados.

"Qual o fim para que se executam tais atos? O fim do juízo é limpar de toda a impureza os homens virtuosos, distinguir a perfeição da imperfeição, exaltar a excelência das almas superiores. O fim do castigo é fazer prevalecer o bem sobre o mal, reprimir o vício, destruí-lo e aniquilá-lo, realizar para todos uma igualdade conforme ao mérito.

"Quanto à purificação, tem ela por fim livrar a alma das causas estranhas, restituírem-lhe sua essência própria, dar-lhe a perfeição, a plenitude, a independência, facilitar a sua volta ao princípio de que emana, conduzir as substâncias particulares a se unirem com as universais e a participarem de seu poder, de sua vida e de suas funções. As almas submetidas ao juízo, enquanto persistem na geração, não saem do Universo e são confundidas com a diversidade. Desde, porém, que se libertam, que ficam independentes e senhoras de si, não são mais submetidas ajuízo.

"O mesmo em relação ao castigo.

"Os antigos colocaram no número dos deuses, mesmo enquanto estão sobre a Terra, as almas puras e unidas com eles pela conformidade de pensamentos - e não se submetiam a penas logo que deixavam o corpo. Os platônicos, porém, as fazem passar por penas em sua ascensão da geração ao mundo inteligente."

Assim como a teologia pagã, a filosofia pagã, espiritualista,, proclama a pluralidade de existências. Vamos aos Mistérios, que, como V. sabe,

encerravam os mais elevados pensamentos da antiguidade.

O dogma da pluralidade de existências foi o mais oculto segredo dos Mistérios, transmitido, de idade em idade, aos iniciados, que eram preparados por longas provas para receberem essa verdade.

Os Mistérios eram a representação simbólica dos destinos humanos, cujos diversos graus se refletem na hierarquia dos iniciados. O vestíbulo do templo representa a vida terrestre, onde se faziam cruéis provas, até conquistar-se a santuário, símbolo da vida feliz do céu. A lei era: ninguém se eleva senão pelo seu mérito e virtude e a recompensa não cabe senão aos que resistem às provas.

Os que não resistiam eram atirados às dependências do templo, donde volviam a novas provas. Não pode ser mais categórica a representação das vidas sucessivas, para a obtenção do mérito e da virtude, que conquistam a recompensa.

Sobre os mistérios egípcios, Jâmblico diz: "Antes de ser desterrada para o corpo, a alma tinha ouvido as celestes harmonias e, se análogos acentos vêm ferir-lhe os ouvidos, ela se exalta e se transporta além da Terra."

O mesmo iniciado naqueles Mistérios acrescenta: "A justiça de Deus não é a justiça dos homens. O homem define-se pelas relações de sua vida atual e de seu estado presente. Deus define-se relativamente a nossas existências sucessivas e à universalidade de nossas vidas. Assim, as penas que nos afligem são, em geral, o castigo de um pecado, em que a alma se tornou culpada numa vida anterior. Deus nos oculta a razão; mas, por isso, não deixamos de atribuí-las à sua justiça."

Dos Mistérios passemos ao Druidismo. E' tão certo que os druidas ensinavam o dogma das vidas sucessivas, como é certa que acreditavam na unidade de Deus.

César, que não pode ser suspeito, porque acreditava no nada depois da morte, diz:

"Uma crença que eles procuravam, principalmente, firmar era a das almas não perecerem com o corpo, passando a novos corpos depois da morte,"

Pompônio Mela sustenta o mesmo, assegurado que eles consideram a alma eterna e que há outra vida entre os manes.

Amieno Marcelino corrobora aqueles dizeres e Diodoro de Sicília fala nestes termos: "Eles fazem prevalecer à opinião de Pitágoras, que sustenta a imortalidade das almas e que elas vão animar outros corpos, pelo que, quando queimam seus mortos, lançam à fogueira cartas para seus parentes."

A cosmologia druídica, V. a deve conhecer bem. E' esta: O Universo divide-se em três círculos: o da imensidade, que é a morada de Deus; o da felicidade, ou paraíso, para onde vão as almas que, da provas em provas, chegam à sociedade dos eleitos - e o das viagens, que compreende as que não têm ainda títulos para alcançar o paraíso.

Todo o fim do homem é vencer o círculo das viagens e chegar ao da felicidade, do qual não pode decair; enquanto que, no das viagens, pode, por suas faltas, decair de um mundo superior em um inferior. Por essa razão, sendo a Terra um mundo de viagens, recebe contingentes de Espíritos que lhe chegam de mundos inferiores para seu aperfeiçoamento, e de mundos superiores, por seu decaimento.

A teologia druídica, considerava a vida da Terra como uma passagem para mais altos destinos, sendo cada um de seus habitantes sujeito às provas que tivesse merecido para avançar, por elas, em harmonia com o plano geral da criação.

O mal tem um caráter negativo e provisório, dominando somente nos mundos de viagem. Nesses, ele é, até certo ponto, necessário, como meio para o exercício da liberdade humana e de expiação. E, pois, aquela teologia não atribuía o mal a Deus, mas sim às faltas dos homens, os quais ocupam na vida terrestre a posição a que fizeram jus. A liberdade humana e a Providência fazem, neste planeta, a parte do homem e a de Deus.

A preexistência era ensinada positivamente e, por conseguinte a pluralidade de existências.

Agora duas palavras sobre a metempsicose animal.

Pitágoras, como já sabemos, foi quem transplantou para a Grécia o

dogma egípcio, que consistia na passagem da alma dos maus para os corpos de animais e na divinização da alma dos bons, elevados pela virtude e pela sabedoria. O fim da moral pitagórica era estimular os espíritos a evitarem a metempsicose. Era, no fundo, a pena terrível imposta aos réprobos: inferno pitagórico, como o inferno tártaro, como o inferno dantesco, como o inferno trasladado do paganismo para a nossa cosmologia. A diferença daquele para este é devido ao atraso humano, de não se saber naquele tempo o que é feito das almas depois da morte.

Seja, porém, como for à metempsicose animal encerra o princípio das vidas sucessivas, como meio de provas e de expiações para o espírito subir na longa escada de Jacob, até seu topo, que é a desmaterialização completa e o máximo da perfectibilidade humana, tanto pelo saber, como pela virtude.

Pelo estudo da antiguidade profana, em todas as suas relações, temos visto que o princípio da pluralidade de existências estava encarnado na alma de todos os povos e de todas as seitas religiosas e filosóficas, na parte pensante da Humanidade antiga.

Passemos agora a um ligeiro estudo da antiguidade sagrada, que anunciamos como nosso segundo ponto ou segunda tese de exame. Examinaremos, aqui, a teologia hebraica, a cristã e o grande vulto que se chamou Orígenes.

Compreende-se bem que Moisés, dirigindo-se a povos na primeira infância, e o Cristo aos que se achavam na segunda, não podiam revelar todas as condições da vida futura: a reabilitação sempre possível pelo arrependimento e a marcha progressiva dos Espíritos até à posse de Deus. Por isso, que o próprio Cristo tornou irrecusável pelas palavras acima citadas, não encontraremos facilmente, como nas outras fontes do saber e das crenças humanas, a idéia que serve de base ao Espiritismo. Desde, porém, que descobrirmos, nos fastos da História Sagrada, passagens que não possam ser explicadas senão pela preexistência e pelas reencarnações, teremos aí a prova de que os dois reveladores das eternas verdades conheciam, tinham em seu espírito a que não lhes era dado ainda revelar,

mas que lhes escapava dos lábios, como acontece ao mestre que, limitando seu ensino à capacidade e grau de adiantamento do discípulo, sempre deixa transluzir seu superior saber.

Schutz, em sua dissertação sobre o gênio de Moisés, expõe assim a crença íntima dos Hebreus "Depois da morte, a alma, fiel às inspirações do espírito divino, reúne-se a seus antepassados no seio de Abraão. Ali acha sua recompensa no desenvolvimento de seu amor e na compreensão das leis e da vontade divinas. A alma, porém, que, como foice inútil, dormiu no caminho e distanciou-se do Pai celestial, cura-se e regenera-se pelo arrependimento, pelo socorro das almas fraternais e do médico das almas e pela procura da que disse: "Eu sou a soberano bem."

Eis aí que a crença íntima do povo, de Deus assentava sobre dois fatos bem notáveis: o arrependimento depois da morte produzindo os mesmos efeitos que antes e a cura e regeneração das almas, que fizeram o mal na vida e que, por isso, não foram para o seio de Abraão, como as que fizeram o bem.

Em Isaías, lê-se: "Jeová diz: Eu não disputarei eternamente com o culpado e a minha cólera não durará sempre; porque os espíritos saíram de mim e Eu criei as almas."

No Gênesis, Cap. II, v. 7, lê-se também: "E O que foi - é - e há de ser - fez para o homem um corpo grosseiro, tirado dos elementos da terra, e uniu a esses órgãos materiais a alma inteligente e livre, trazendo já consigo o sopro divino: o espírito, que a segue em todas as novas vidas..."

Só na preexistência se pode achar a razão do que disse Jeremias: "Antes que fosse ele gerado no ventre de sua mãe, eu já e tinha conhecido."

E a melhor prova de que era geral a idéia da pluralidade de existências, entre os Judeus, está no fato de acreditarem que Jesus era um dos antigos profetas:

Do Moisaísmo é natural a transição para o Cristianismo, para o novo Testamento.

Sto. Agostinho, no livro I das Confissões, exprime-se assim: Antes do tempo que passei no seio de minha mãe, não terei estado em outra parte e sido outra pessoa?

Aquele luminar da Igreja não descobriu na lei da preexistência antagonismo com a lei cristã da Igreja!

Jesus Cristo, quando os discípulos lhe diziam que o povo o considerava Jeremias, Elias ou outro profeta renascido, não combateu semelhante heresia, como fazia sempre que lhes ouvia conceitos contrários aos eternos princípios, ao ponto de chamá-los - Satanás!

Ainda mais: Encontrando um cego de nascença e perguntando-lhe os discípulos se aquela desgraça provinha dos pecados do cego ou dos de seus pais, em vez de combater a primeira hipótese, impossível na teogonia da vida única, limitou-se a dizer: "Não é que este homem tenha pecado, nem aqueles que lhe deram o ser, mas é para que as obras do poder de Deus brilhem nele."

Por estas palavras, que nada esclareciam, o Cristo evitou a explicação que não podia ser compreendida naqueles tempos.

Mais esta passagem: Os apóstolos perguntaram a Jesus como é que, dizendo as escrituras que antes do Cristo devia vir Elias, aconteceu que viesse aquele antes deste. E o Divino Mestre respondeu: "Digo-vos que Elias já veio e que o mundo não o conheceu e fez dele o que lhe pareceu." E lê-se no Evangelho a esse respeito que os apóstolos compreenderam falar o Mestre de S. João Batista.

Mais completa prova de que Jesus admitia as reencarnações só esta: Nicodemos pediu-lhe explicações sobre a vida futura e o Senhor respondeu-lhe: "Em verdade, em verdade te digo: ninguém poderá ter o reino do céu, sem renascer de novo."

E, como Nicodemos lhe perguntasse: "Como poderá um velho voltar ao seio materno?" ele respondeu: Em verdade te digo: "Aquele que não renascer da água e do Espírito Santo não poderá entrar no reino do Céu."

A explicação é esta: Jesus não quis explicar, certamente porque era essa uma daquelas verdades que ele disse não poder ensinar, por não ser oportuno.

Pela reencarnação do espírito de Elias em João Batista disse, o mais que podia dizer, sobre a nossa questão, o Novo Testamento.

Vamos ao Zohar, o repertório dos altos princípios constitutivos dos mistérios dos Judeus, transmitidos por tradição até Simão-Ben-Jachai, que

os reduziu a escrito.

Sabe V. que a tradição reza ter Moisés confiado tais princípios a setenta anciães ao tempo em que dava à massa popular a lei que recebera no Sinai. Em todo o caso, o Zohar rivaliza em antiguidade com o Gênesis e contém a doutrina dos mais adiantados espíritos de Israel. Nele se encontram os elementos da Filosofia Cabalística, da qual Moisés Botril diz: "A Cabala é a mais pura e a mais santa filosofia." Nela se encontra o verdadeiro sistema do mundo, dizendo-se a Terra esférica e girando sobre o seu eixo, de modo que tem metade em dia, enquanto a outra metade está em noite, tudo conforme com a cosmografia atual.

Nesse livro - a que Drach chamou eminentemente cristão - encontra-se o dogma das vidas sucessivas e da pluralidade de mundos habitados pelos mesmos espíritos, que vão passando de uns para outros, à medida que vão adquirindo o preciso progresso para deixarem, o mais atrasado e passarem ao imediato em graduação. Para prová-lo basta citar este trecho entre muitos: "As almas são sujeitas à transmigração e os homens não sabem quais são, a seu respeito, as vistas do Altíssimo. Não sabem como são julgados, em todos os tempos: antes de virem, a este mundo e depois de o terem deixado. Ignoram quantas provas são obrigados a sofrer..."

Entrando nos elementos do homem, que divide em espírito, ou rouah, em alma ou nichema, em espírito mais grosseiro, nepesch, ele se exprime assim a respeito do rouah: "...espírito das vidas e de todas as existências e de todas as peregrinações a que a alma é sujeita antes de subir Aquele, donde não desce senão voluntariamente para o desempenho de missões..."

Vê-se por aí que, a par da doutrina ensinada às massas, os Judeus possuíam uma, superior, que só os espíritos elevados conheciam.

Despeçamo-nos da antiguidade, falando de Orígenes.

Orígenes é para, o Cristianismo o que os mistérios foram para a gentildade e o Zohar foi para o moisaísmo. Ele tentou um esforço superior às forças da Humanidade, à qual o Cristo não quis revelar senão as verdades que estavam ao alcance de sua capacidade. A parte seus

arroubos, que foram condenados justamente pelos concílios de Calcedônia e de Constantinopla, tudo por partir de um erro: ser o homem um anjo diabrado, Orígenes foi profundamente versado nas sagradas letras, como o atesta Santo Agostinho. A parte esses arroubos condenáveis, a sua doutrina sobre a evoção dos espíritos é arrebatadora. Antes de virem a esta vida já eles existiam e nascem para sofrer as penas de suas faltas e nascem tantas vezes, em mundos progressivamente superiores, quantas são precisas para se limparem daquelas faltas.

No fundo, o sentimento de Orígenes é que as regiões ocupadas pelo mal não têm caráter absoluto e que, portanto, nenhum obstáculo se opõe à geral restauração da criação.

A propósito do instituidor da religião cristã e sobre os castigos com que ameaça os réprobos, diz ele: "Perguntaram a Sólon se as leis que ele formulara eram as melhores. Respondeu que eram as melhores para aquele país. Assim poderia responder Jesus: Eu dei o melhor sistema que podia receber a Humanidade, para melhorar seus costumes. Fixei uma regra e ameacei os transgressores com suplícios e penas. Estes suplícios não são imaginários e sua exageração era necessária para corrigir os obstinados. Estes, porém, não podem compreender, nem a intenção d'Aquele que castiga, nem o fruto que lhes deve resultar do mesmo castigo."

Da antiguidade tanto profana como sagrada, passemos aos autores modernos e contemporâneos.

Cirano de Bergerac, cujos notáveis escritos foram inutilizados pelo obscurantismo, sustenta a sucessão de vidas, explica o que sempre se entendeu por "demônio" e prova que a queda dos anjos é coisa que o mundo não conhecia antes do Talmud, redigido depois do cativo de Babilônia. Sobre as vidas sucessivas, ele refere uma conversa que teve com Campanela, o qual lhe disse: "que seu mundo era já o sol, um paraíso para onde iam os habitantes dos vizinhos planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, e que, pela depuração, aqueles Espíritos têm a lembrança de suas existências anteriores."

Sobre o que se chama "demônio", diz que todos os homens, desde que deixem o corpo, passam a ser demônios, e, como há homens bons e maus, há bons e maus demônios. Estes, segundo Plutarco, se deleitam em girar ao redor dos viventes, por um resto de amor que sentem pela passada natureza. Os bons nos incitam para o bem, do mesmo modo que os maus nos arrastam para o mal. Sobre a queda dos anjos refere o que já ficou dito: mera criação humana, como foi mais tarde criado pelos homens o purgatório, de que não há notícia nem no Velho, nem no Novo Testamento.

Ainda quanto ao purgatório, pode-se dizer que foi criação de um concílio (o Tridentino), que é infalível. Contra isso, porém, protesta Caussette que não pode ser suspeito, nem aos ultramontanos, pelas seguintes palavras: "A Igreja não compôs um único livro sagrado, porque ela não é inspirada; mas interpreta todos os livros inspirados, porque é assistida pelo Espírito Santo."

Caussette e a sombra de Bonniot, o sábio chefe dos jesuítas, que dominam a Igreja Romana. Portanto, sua palavra tem o valor de uma encíclica. Se, pois, a Igreja não tem a divina inspiração para criar, porém sim para interpretar, onde o poder que se arrogou de criar o purgatório? Ou o mais notável apologético de nossos tempos deve ser condenado às chamas, ou a criação do purgatório foi devaneio.

Passemos a Duhamel.

"Como não se pode admitir que o bem e o mal sejam casuais, nem tão pouco que Deus seja injusto, fica evidente que a Terra traz seres que já fizeram jus a um, ou a outro. Sem tal suposição, como explicar o fato de certos homens nascerem com enfermidades cruéis, viverem em constante sofrimento, ao passo que outros nascem perfeitos e vivem na plenitude dos gozos, acabando os primeiros na resignação e os segundos blasfemando? Esses globos que vivem acima de nós não serão nossas futuras habitações? Aí encontraremos distinção de virtudes e de vícios, de felicidades e de desgraças como aqui. Iremos, se o merecermos, a globos onde seremos cercados de maiores bens, mais inclinados à virtude, mais perfeitos enfim. Será talvez uma recompensa: termos na Terra a faculdade de conhecer o passado e, para alguns, a de penetrar o futuro. Poderemos chegara mundos onde teremos mais perfeita essa dupla faculdade, ao

ponto de nos lembrarmos do que agora fazemos e de prevermos o que poderemos ser em outra existência. E tudo isso, que não podemos explicar, senão à medida que mais merecermos em nossas vidas, terminará com a mais pura e a mais inocente, pela qual entraremos na sociedade de Deus."

Carlos Bonnet, o profundo pensador que, melhor do que nenhum outro, compreendeu a grandeza do Universo e do plano da Criação, manifesta-se assim

"O grau de perfeição a que o homem pode chegar está em relação direta com os meios de que dispõe para conhecer e agir. Esses meios estão, por sua vez, em relação com o mundo em que habita. Um estado mais desenvolvido das faculdades humanas não pode, pois, compadecer-se com o mundo em que o homem deve passar os primeiros tempos da sua existência. Essas faculdades são indefinidamente perfectíveis - e nós compreendemos que alguns dos meios naturais, que as hão de aperfeiçoar um dia, podem existir desde já no homem. Esses nossos sentidos encerradas na alma, como em embrião, estão em relação direta com o futuro mundo, que é a nossa verdadeira pátria, e podem ter relações particulares com outros mundos, que nos seja permitida percorrer, e onde recolheremos novos conhecimentos e novos testemunhos das infinitas liberalidades do Benfeitor Universal. De que sentimentos não serão inundados nossa alma quando, depois de ter estudado a economia de um mundo, voar a outro e comparar as duas economias? O progresso que tivermos feito aqui quer em conhecimentos, quer em virtudes, determinará o ponto de que começaremos na seguinte existência e o lugar que nela ocuparemos. Haverá, pois, um fluxo perpétuo de todos os indivíduos da humanidade para uma maior perfeição ou maior felicidade, porque um grau de perfeição adquirido conduzirá um outro grau e porque a distância do criado ao incriado, do finito ao infinito é infinita. E eles tenderão continuamente para a suprema perfeição, sem jamais atingi-la."

Em Dupont de Nemours, além da prova de que a crença nas penas eternas é uma verdadeira blasfêmia, encontram-se passagens positivas sobre a pluralidade de vidas

"A lembrança da vida precedente seria um poderoso auxiliar da que se lhe segue. Alguns Espíritos superiores gozam, talvez, dessa vantagem,

como recompensa de sua passada virtude, Porque todo o bem produz bem. Não deve, porém, ela ser concedida aos que tenham merecido punição, ou não tenham chegado ainda à ordem dos seres cuja moralidade é superior, porque esses são provados pela justiça ou pela bondade de Deus, segundo suas forças, começando e recomeçando essa carreira iniciadora da alta moralidade. A estes se tem dito: tua pena está terminada, o passado está esquecido, faz-se-te mercê de esquecê-lo tu também. Bebe o Letes. Trata-se agora de saber se serás bom por ti mesmo, por amor à virtude e suas conseqüências imediatas, sem esperança certa no futuro, sem receio da repetição do que sofreste. Parte. Tenta o destino humano. Vai animar um feto."

"A nova prova é proporcional às faltas da vida anterior. Eis um inferno proporcional aos delitos. Não eterno para erros que não duraram senão um momento. Não cruel e impiedoso, como o de um demônio caprichoso, implacável, feroz; mas equitativo e indulgente, como os castigos de um pai. Não se ouvem urros e ranger de dentes. E' a mão de um Deus misericordioso, que perdoa, mesmo castigando, que põe ao alcance da criatura vir a Ele, corrigir-se, aperfeiçoar-se, merecer os seus benefícios, como um governo humano e sábio se ocupa de proporcionar aos prisioneiros da lei um ar puro e salubre, nutrição abundante e sã, trabalho útil e moralizador."

Ballanche, o grande e profundo iniciador do movimento que dá o cunho ao nosso século, vem emitir sua opinião na questão:

"Basta admitir que, saindo desta vida, nós não entramos em um estado definitivo, que toda criatura deve ir a seu fim, para chegarmos à conclusão de que, enquanto o destino humano não estiver completo, enquanto tivermos algum progresso a fazer, nada está acabado para nós. Ora, para nós, o complemento de nosso destino é a perfeição, para nós, como para todas as criaturas, porque, desde o princípio, Deus achou que suas obras eram boas; porque, de fato, cada uma contém em si a causa e o meio de seu desenvolvimento. Mas o homem, em razão de sua liberdade, é a quem cabe a maior perfeição. Logo, é impossível que tudo acabe com esta vida e que não haja um outro estado de liberdade, em que ele possa continuar a gravitar para sua perfeição relativa, até que o consiga. Se deve haver um novo estado de liberdade, não pode haver juízo definitivo depois da

morte. Que é o que impede que o homem tenha existido muitas vezes? Porque não poderei dar no mundo os passos necessários ao meu aperfeiçoamento?"

Frederico Schlegel, combatendo os erros da metempsicose, diz:

Seu lado são e o elemento de verdade que ela encerra é o sentimento inato com o coração humano de que, uma vez separados e atirados longe de Deus, temos que subir longa, penosa e rude escarpa e que sofrer duras provas, a fim de nos aproximarmos da fonte única de todo o bem. A isso é preciso ajuntar a convicção íntima e a certeza firme de que nada penetrará no reino puro da Soberana Perfeição, sem estar escoimado das impurezas e das máculas terrestres e de que, portanto, não se reunirá a Deus, na eternidade, nossa alma, essa substância imortal, sem que se tenha purificado e destarte se elevado a uma perfeição progressiva e superior. Neste mundo, acrescenta, não há para o homem senão a esperança. A via necessária, à sua reparação é longa e penosa e ele não a vence senão a passo lento e sucessivo, não podendo, embora empregue todo o esforço, galgá-la de um salto ou evitá-la."

Saint-Martin, o grande teósofo, assim se exprime:

"O homem, depois de sua queda, é sujeito a uma contínua transmutação em diferentes e sucessivos estudos; enquanto que o primeiro Autor de tudo o que existe foi e será o que é e devia ser."

E acrescenta:

"Nosso ser pensante deve aspirar a imensos desenvolvimentos, desde que sai da prisão corporal, onde toma uma forma iniciadora. Entrevejo uma lei sublime. Mais as proporções se aproximam de seu termo central e gerador, mais se tornam grandes e poderosas. Essa maravilha que nos permites entrever, ó verdade divina! satisfaz ao homem que te ama e te procura. Ele vê em paz sucederem-se seus dias e vê isso com prazer e com entusiasmo, porque sabe que cada volta da roda do tempo o aproxima dessa proporção sublime, que tem Deus por primeiro de seus termos."

O que há nisto de obscuro fica esclarecido pelas seguintes passagens:

"A morte não pode ser considerada senão como um descanso em nossa viagem. Chegamos a esse descanso com a equipagem fatigada e desarvorada e vimos aí para tomar outra, fresca e em estado de nos levar mais longe. E' preciso, porém, pagar aí tudo que devemos pela viagem

que fizemos e, antes que tenhamos saldado nossas contas, não nos é permitido empreender novo curso."

Balzac, o profundo analista, diz:

"Depois de ter experimentado o vácuo e o nada (a alma depois da morte), volta os olhos para o bom caminho. E' então a vez de novas existências, para chegar à estrada onde brilha a luz. A morte é o descanso dessa viagem e as experiências se fazem, então, em sentido inverso. E' preciso, muitas vezes, toda uma vida para adquirir as virtudes opostas aos erros em que precedentemente viveu. Assim, vem a vida em que sofre e cujas torturas trazem a sede do amor; vem depois aquela em que ama e em que o devotamento pela criatura arrasta ao devotamento pelo Criador, em que as virtudes do amor, seus mil martírios, sua angélica esperança, suas alegrias seguidas de dores, sua paciência, sua resignação, excitam o apetite das coisas divinas. A essa segunda vida segue-se a em que se torna humilde e caridosa. Depois vem a em que se abrasa em desejos. Por fim chega a em que ora. Além está o eterno meio-dia, além das flores, o cobiçado fruto. As qualidades adquiridas e que se desenvolvem lentamente em nós são laços invisíveis, que ligam uma às outras todas as nossas existências e de que só a alma se lembra, porque a matéria não pode lembrar-se de coisa alguma espiritual."

Constant Savy sustenta indiretamente a doutrina da pluralidade das existências, atacando a das penas eternas, que lhe é oposta. Diz ele:

"O dogma das penas e recompensas, tal como nos é ensinado, nasceu de uma falsa apreciação da Divindade. O homem fez a justiça de Deus semelhante à da Terra, porque não tinha de seu Criador senão uma grosseira idéia. Esse dogma, que pode ter sido vantajoso no império da carne, perpetuou-se no espírito das massas, pela ignorância que lhe tinha dado nascimento. Hoje e já há longo tempo, ele está sem força. A máxima parte não lhe presta fé e o resto o tem em dúvida. Fez seu tempo, como tudo que é do homem. O sentimento moral, ainda que pouco desenvolvido, já o é suficientemente para acolher idéias mais justas sobre a Divindade e suas relações com a Humanidade. O dogma, que maior mal tem feito à religião, é o das penas e recompensas, pela falta de desenvolvimento na medida do progresso do espírito humano em relação ao conhecimento do verdadeiro Deus. Sobre a liberdade do homem se

apóiam, para provarem a realidade da punição e da recompensa, que a justiça divina lhe reserva, algumas vezes neste mundo e sempre no outro. E' sobre essa liberdade que me apóio, precisamente, para provar que isso é um dos mil erros dos tempos passados.

"Em que consiste essa liberdade? Porque foi ela dada ao homem? Eis o pensamento de Deus, tal como ele me revelou e o tem revelado a todos os que se esforçam por conhecê-lo e amá-lo:

"Nenhuma das virtudes que fazem meu Ser pode ficar sem manifestação. Do contrário eu não seria, porque minha vida não seria completa. Que exista, pois, um ser, imagem minha, ao mesmo tempo em que um pensamento saído de mim e, para isso, que tenha ele uma chispa de minha inteligência, unida a um corpo, porque minha inteligência é unida ao Universo. Que tenha, em parte, a consciência da vida, porque eu tenho a consciência perfeita do meu Ser. Que tenha também um raio da minha liberdade, porque eu sou a vontade soberana. Que, por essas duas faculdades, o fogo divino, que eu ponho nele, viva eternamente do alimento que souber escolher. Que ele se estenda de mais em mais pelas conquistas que fizer sobre a minha inteligência, espalhada por todo o Universo, e, por esse meio, que viva na eternidade, sem se confundir com as outras inteligências nem comigo. Que, por sua atividade, cresça e se aproxime do foco donde saiu e, de simples chispa, se torne de mais em mais, no correr dos séculos, uma luz brilhante, digna de mim. Que a sua liberdade não possa jamais conduzi-lo à perfeição, porque, então, ele cessaria de ser, para entrar em mim e eu quero que ele conserve, por todo o sempre, o sentimento de sua existência, porque eu tenho o do meu poder. Que seja sempre imperfeito e que, para isso, sua liberdade seja limitada por esta vontade de seu Deus. Que exista, pois, um ser cujo desenvolvimento progressivo seja sujeito às minhas leis e dependa ao mesmo tempo da liberdade que lhe dou. Que esse desenvolvimento seja seu trabalho, porque ele não pode ficar ocioso, visto que o movimento é a vida, porque minha vida é criar sem cessar, pelo movimento contínuo da matéria e da inteligência submetidas à minha lei.

"E, como ele sucumbirá muitas vezes ao mal e eu quero que marche para mim, seja-lhe a eternidade meio de fazer sua vida, reparar suas faltas e levantar-se das quedas que der por seus erros, Que, para ajudá-lo nesse

trabalho sem fim, tenha o arrependimento e o remorso, que lhe farão renunciar a suas faltas, e que sinta, para animá-lo ao bem, a aura da felicidade, quando praticar uma boa ação. Que espere sempre em mim, para que sinta que é sempre tempo de voltar à virtude.

"Se não tiver essa esperança, a enormidade de suas faltas o esmoreceria e ele se afundaria cada vez mais no abismo do erro; entretanto, eu quero que não haja para ele nem eternidade de males, nem de bem sem mescla, porque ele cessaria de ser livre e o uso da liberdade não lhe pode ser tirado, sem que acabe imediatamente. Que não haja, pois, uma posição na eternidade, em que sua liberdade seja encadeada, porque ele cessaria de agir, de melhorar, de desenvolver-se. Que trabalhe sem cessar nesse desenvolvimento, pois que a lei do Universo é: que nenhum ser possa achar repouso, porque o movimento é a vida e a vida o desenvolvimento de tudo que foi criado. Que exista pois esse ser.

"E esse ser existiu; Deus criou o homem."

Ainda mais positivo:

"As penas e recompensas, porque nós as experimentamos realmente, não são senão o resultado direto e imediato do conjunto da vida do homem e não consistem senão em sua marcha mais ou menos ativa para o aperfeiçoamento, com pequenas ou grandes dores. E' esta conquista que será a recompensa de nossas vidas militantes, como a privação desse desenvolvimento de felicidades será o castigo de nossas vidas de fraqueza, de ignorância e de deboches.

"Ensina-se que o tûmulo é o termo da marcha do homem na eternidade, que a outra vida é a última e que ele será eternamente feliz ou desgraçado. Se é assim, o homem cessa de ter liberdade para aproveitar as lições da experiência, para melhorar. Se é eternamente desgraçado, não poderá mais erguer-se de suas quedas, será acabrunhado de males milhões de vezes maiores que suas faltas, será punido por uma eternidade de desgraças por uma vida mal empregada... Seu castigo não será, pois, senão a vingança de uma cólera cega e insensata, pois que será inútil, pois que nada mais poderá fazer em benefício de seu melhoramento."

Fourier, o criador da escola falansteriana, se manifesta assim:

"Onde o velho que não queira estar seguro de renascer e de levar à futura existência a experiência do presente? Pretender que esse desejo

deva ficar sem realização é admitir que Deus nos pode enganar. E' preciso reconhecer que já temos vivido antes de sermos o que somos e que muitas outras vidas nos esperam e outras em uma esfera superior ou extramundana, com um corpo mais sutil e sentidos mais delicados."

Passemos dos que estudaram a matéria aos que a trataram como amadores.

La Codre, falando do aperfeiçoamento das almas, diz:

"Se, para qualificar essa doutrina, a palavra - progresso - vos parecer muito pretenciosa, designemo-la e as minhas considerações de - teoria da continuação dos trabalhos do espírito humano, continuação da vida humana em outras regiões do Universo. E, se quiserdes a idéia que faço dessa continuação gradual e das conveniências que a harmonizam com as leis providenciais, lede os Recueillements poétiques, de Lamartine."

De Bretonne pensa assim:

"O que não é vedado supor e melhor concilia nossas esperanças com as noções acessíveis de um futuro inacessível é a passagem sucessiva e remuneradora de estados superiores, no seio dos quais o limite material atenuado deixaria ao espírito elástico para o infinito que o atrai."

E acrescenta;

"O acesso a mais puros mundos pode ser reservado ao homem, como um fim à tendência que arrasta para o belo e para o bem, como prêmio da luta penosa e perseverante contra, as grosseiras condições que obscurecem sua alma. A matéria ou a forma será menos pesada, a medida que tivermos progredido na luta contra o egoísmo, à medida que tivermos penetrado na ciência e na moralidade. Se a recompensa, ou o estado futuro, de que adivinhamos os esplendores, é na razão da nossa tendência para o que é grande e belo, a conduta de cada indivíduo, na Terra, tem sua recompensa traçada previamente, segundo a natureza e a extensão de seus esforços. Mais tenhamos combatido nas primeiras provas, mais será elevada a ordem que nos caberá, mais teremos subido os degraus da imensa escada que temos de percorrer."

Pelletan crê que o homem irá sempre de sol em sol, subindo sempre,

como sobre a escada de Jacob, os degraus hierárquicos das existências e passando, segundo o seu merecimento e progresso, de homem a anjo, de anjo a arcanjo.

Jouffroy hesita entre as duas hipóteses: a de achar o homem, logo que deixe a vida terrestre, a completa satisfação de todas as necessidades da sua natureza moral - e a de não chegar a essa satisfação senão pouco a pouco passando por muitas vidas sucessivas.

Eis como ele se exprime:

"A outra vida será única, ou múltipla? Será uma sucessão de vidas, em que diminui progressivamente o obstáculo, ou seremos mergulhados, deixando a vida terrestre, em uma vida sem obstáculos?"

Pelo seguinte trecho se verá o que aquele profundo espírita preferiu entre as duas hipóteses:

"A cada progresso, nossa alma tem a visão mais clara e mais distinta de Deus, aproxima-se do foco da atração celeste, que a arrasta para o bem, sem contudo obrigá-la. Mais a alma conhece á Deus, mais ama e se eleva para Ele, por ato completamente livre de sua vontade, sem que lhe seja possível decair. Numa ascensão progressiva porém, a alma não atinge o absoluto."

Frank, o sábio membro do Instituto, consagra com sua opinião a doutrina das vidas múltiplas, combatendo a das penas eternas:

"Conduzir a alma à saúde, lavá-la de suas manchas, ergue-la de suas quedas, revestirem-na de nova força, para que marche com passo firme nas vias que franqueou e para que mais facilmente alcance a perfeição moral que desdenhou, não é a única eficácia que se possa conceber na pena, quando o ser que a inflige tem para agir sobre a afina o poder e a inteligência infinitos? A justiça de Deus é inseparável de sua sabedoria e de sua misericórdia. E' preciso, pois, que não se represente a outra vida cheia de suplícios arbitrários, cujo fim seja mais vingança do que expiação."

Callet se manifesta no mesmo sentido:

"O perdão é para nós o fim da justiça e, se sobre essas elevadas planícies, aonde nos leva a imaginação e onde se arrasta, gemendo, o pecador, em lugar de perdão, nos mostram ódio chamejante, está tudo acabado. O terror chega ao cúmulo e a razão se perturba. Todas as idéias

de justiça e de bondade se desfazem. Cai-se crente e levanta-se ateu. Se existe tal inferno, não se compreendem no outro mundo senão as blasfêmias dos danados; mas, se isto existe, para que serve o purgatório?

"Deus é justiça e misericórdia conjunta e indistintamente. Há sempre um fundo de misericórdia nos atos de sua justiça e um fundo de justiça nos de sua misericórdia. Sem ofendê-lo, não se pode dizer que ele seja misericordioso sem justiça para uns e justo sem misericórdia para outros. Deus é justo para os eleitos, porque, se a salvação desses fosse gratuita, efeito da complacência divina, iníqua seria a punição dos pecadores. Há, pois, na glória dos bem-aventurados, tanta justiça quanto misericórdia.

"Mas, se Deus é justo para com os eleitos, porque não ser misericordioso para com os pecadores? Vós me apontais sua misericórdia no céu e eu vejo aí também sua justiça. Vós me apresentais sua justiça no inferno e eu procuro aí também sua misericórdia. E ela não faltará. Vossa condenação, no vosso inferno, arrasta a necessidade lógica e invencível de aí se ofendera Deus e maldizê-lo! Isso é impossível!! Quererá o Senhor que o ultrajemos por toda a eternidade? Não quererá, pelo contrário, ser adorado e abençoado por todas as criaturas? Os santos o adoram na alegria e os mortos, que ele castiga, o adoram no sofrimento, porque sabem que esse sofrimento acabará. Tomo por testemunho o Evangelho, todo impregnado nas chamas do amor divino, do amor do próximo e do orvalho misericordioso do perdão."

Aí vão dois trechos de Esquiros:

"Tudo aqui se concentra em seu egoísmo, reduz nesta e nas futuras existências os limites de sua natureza moral e amontoa, em derredor de si, trevas que o envolverão em seus destinos ulteriores.

"Ocupemo-nos agora daqueles que, tendo completado em uma, ou em muitas existências sucessivas, uma primeira ordem de provas, se acham evocados a uma vida diferente da nossa."

Ouçamos o católico romano d'Orient, que escreveu quatro volumes para provar que o magnetismo (!) é obra do demônio e que todas as manifestações espíritas são coisas satânicas; mas que também escreveu - O Destino da Alma, onde sustentou a idéia da preexistência e das vidas sucessivas!

Tratando, naquela obra, das desigualdades que se notam de homem para

homem; uns infelizes, outros venturosos, uns pobres, outros ricos, uns perfeitos, outros defeituosos, d'Orient diz:

"Que causa mais justa e mais razoável se poderá assinar a essas desigualdades, do que a mesma desigualdade de expiações, que cada uma das almas precisa fazer, por seus pecados anteriores? Em outros termos: a diversidade dos méritos e deméritos que elas têm feito em uma primeira existência?"

Tratando dos meninos que morrem sem o batismo e que por isso vão para o inferno, segundo Sto. Agostinho, diz d'Orient:

"Pois que Deus não pode condenar a quem não pecou, é de rigor, diz Santo Agostinho, que eles cometeram alguma falta. Temos, pois, pela própria confissão dos santo e sábio varão, duas importantes verdades: primeira, que todas as crianças que nascem têm pecados; segunda, que suas almas, não sendo tiradas da de Adão, esse pecado em virtude do qual são justamente condenadas, quando perdem a vida sem a remissão do batismo, não pode ser o pecado de Adão. Se o pecado, que a faz condenar justamente, não é o pecado de Adão, só faltou ao sábio doutor dizer que aquelas almas pecaram pessoalmente em uma vida anterior.

"E' isso o que sustentamos; mas o doutor da graça raciocina diversamente. Pois que são condenadas, diz ele, e, portanto, culpadas, não podendo Deus condenar injustamente é preciso reconhecer que elas têm contraído, pelo ato de simples nascimento, o pecado original de Adão - e que é esse pecado do primeiro homem que torna danada toda a raça humana. Vê-se que Santo Agostinho pretende provar, pela punição admitida como artigo de fé, a transmissão do pecado original a todos os descendentes de Adão, sem, entretanto, provar a justiça da punição, que serve de fundamento à transmissão, que ele mesmo declara - incompreensível."

D'Orient esqueceu-se de perguntar a que ficam valendo, diante daquela transmissão incompreensível, as palavras do Senhor, que dizem: "O pai não paga pelo filho, nem o filho pelo pai; mas paga cada um por suas próprias obras."

Não posso passar de d'Orient, sem transcrever este trecho de sua obra citada:

"Uma doutrina (a da pluralidade de existências) que responde

satisfatoriamente a todos os fatos, que explica sem dificuldade todos os fenômenos da nossa existência neste mundo, não pode deixar de ser verdadeira."

O eminente filósofo João Reynaud é francamente partidário da doutrina das vidas sucessivas:

"Nós começamos por um simples ponto, a que vão progressivamente aderindo todas as grandezas do Universo.

"Somente é preciso achar um meio de compensar essas vidas perturbadas. Seria pouca coisa, com efeito, termos a certeza de que nenhuma de nossas quedas nos perderá definitivamente, se nos sentíssemos condenados a ficar presos indefinidamente a existências tão miseráveis como esta. Fazer eternamente carreira sobre a Terra, com as mesmas chances contrárias e com a mesma incerteza de si, não é um destino de meter inveja. E' preciso, pois, acabar com esses nascimentos de baixa condição, marcados pelo pecado, quanto ao passado, e comprometedores, quanto ao futuro, e tomar pé em melhores regiões.

"Que magníficas claridades não espalha sobre a ordem natural da Terra o conhecimento de nossas existências anteriores! Assim, é a memória o traço luminoso que assinala o nosso caminho. Morremos e tudo se obscurece. Renascemos - e a claridade, como uma estrela por entre brumas, começa a cintilar. Vivemos - e ela se desenvolve, cresce, toma sua primitiva força. Depois, de repente, apaga-se de novo - e de novo reaparece. De eclipse em eclipse, prosseguimos em nossa marcha e essa marcha, interrompida por periódicos obscurecimentos, é contínua: sempre nos sucedermos a nós mesmos, sempre trazemos em nós o principio do que seremos mais tarde, sempre subirmos.

"Não sabemos onde nascemos da mesma sorte que não sabemos para onde somos levados. Sabemos, porém, que vimos de baixo e que marchamos para cima. E, agora, imaginemos os tesouros infinitos de um espírito enriquecido pelo que colheu em uma série inumerável de existências, inteiramente diferentes umas das outras e, entretanto, admiravelmente ligadas por uma contínua dependência. A essa maravilhosa cadeia de metempsicoses, atravessando o Universo com estada em cada mundo, ajuntemos, se tal perspectiva nos parecer digna de nossa ambição, a percepção lúcida da influência particular de nossa vida

sobre as mudanças ulteriores de cada um dos mundos que tivermos sucessivamente habitado. Abrilhamos nossa vida, imortalizando-a, e consorciemos nobremente nossa história com a do Céu.

"Nascer não é começar, é mudar de forma. A teodiceia que tentei esboçar sob o título de - Terra e Céu - é bem simples e, para acabar de esclarecê-la, bastar-me-á fazer-lhe a síntese:

"Refletindo sobre o espetáculo do Universo, tal qual se nos apresenta, parece-me que nosso espírito se acha naturalmente arrastado a reconhecer que existe uma primeira série de mundos, mais ou menos análogas a Terra, nos quais as almas, em iniciação da carreira infinda que diante delas se abre ainda débil e frouxamente adesas a Deus, se acham expostas ao regímen da tentação, a que sucumbem ou resistem. De um para outro daqueles mundos se aperfeiçoam, pouco a pouco, por meio de provas sempre em relação com seu grau de fraqueza e de culpabilidade, e, depois de labores mais ou menos prolongados, chegam, enfim, a merecer a entrada dos mundos da alta série. Aí se efetua a libertação completa de todo o mal; reina aí o amor do bem com intensidade tal que ninguém pode mais desmerecer e, pelo contrário, são todos animados do desejo de se elevarem e, ajudados em seus esforços pela graça incessante de Deus e pelo socorro das sociedades bem-aventuradas, em cujo seio vivem, desenvolvem a atividade de todas as suas virtudes e se aproximam, por um continuo progresso, mais ou menos rápido, segundo a energia de cada uma, do tipo infinito da perfeição."

Chega a vez de Camilo Flammarion.

"Nossa morada terrestre é um lugar de trabalho, aonde vimos perder um pouco da nossa ignorância original e elevar nossos conhecimentos. Sendo a lei da vida, é preciso que neste universo, onde a atividade é função dos seres, o homem nasça em estado de simplicidade e ignorância. E' preciso que ele comece, em mundos pouco avançados, pelas obras elementares; é preciso que a mundos mais elevados chegue com um certo pecúlio de conhecimentos; é precisa, enfim, que a felicidade, a que todas aspiramos, seja o preço do nosso trabalho e o fruto do nosso valor.

"Se há muitas habitações na casa de nosso pai, não são elas, por certo, leitos de repouso, senão estações onde as faculdades da alma se exercitam em toda a sua atividade e numa energia mais ou menos desenvolvida. São

regiões, cuja opulência cresce sempre e onde se aprende a melhor conhecer a natureza das coisas, a melhor compreender a Deus, em seu poder, a melhor adorá-lo, em sua glória e em seu esplendor. As terras suspensas no espaço temo-las considerado como estações do céu e como regiões futuras da nossa imortalidade. Está aí a casa do Pai com muitas habitações, a morada de nossos progenitores, que será a nossa um dia.

"Toda crença, para ter o cunho da verdade, deve assentar na conformidade com os fatos da natureza. O espetáculo do mundo nos ensina que a imortalidade de amanhã é a de hoje e foi a de ontem, que a eternidade futura não é senão a eternidade presente. Os seres que habitam todos os mundos do espaço são homens que partilham do nosso destino e esses homens não nos são estranhos, nós os conhecemos ou conhecê-los um dia. São da nossa família, pertencem à nossa humanidade.

"A vida eterna vós a conquistareis, não pelos trabalhos de uma só existência, mas pelos de muitas vidas consecutivas umas às outras. Pluralidade de mundos - pluralidade de existências; eis dois termos que se completam e se iluminam:"

A escola saintsimoniana, de que Emílio Barrault é distinto discípulo, diz:

"Repouso eterno para o homem, depois da morte, é o que pede a Igreja? Não pode ser. A vida é uma obra graciosa, a infância um agradável acordar, a velhice um delicioso adormecer e a morte o prelúdio de uma nova vida, de um novo progresso. Cessem, pois, as idéias de um juízo final e de eleitos, porque todos somos filhos de Deus, e o próprio filho pródigo deve, cedo ou tarde, voltar à casa paterna."

Barrault oferece-nos esta passagem:

"Se o destino de cada um de nós é realizar em si o tipo humano perfeito, uma vida única é insuficiente. São precisas muitas, com a diversidade das condições de meio, de modo que as aptidões ainda latentes sejam provocadas a aparecer e as que já brilharam entrem em repouso, como pecúlio já adquirido, que mais não se pode perder. Cada um de nós saberá que já veio aqui e que voltará aqui. E eu mesmo quisera poder adormecer com a palavra de Goethe nos lábios: luz, mais luz e, de sono em sono, de despertar em despertar, chegar a esse ponto, onde a luz nos é dada em toda a plenitude.

"Cada um de nós faz seu destino, cada um de nós revive com seu haver e dever. Depende de cada um ter um grande ativo ou um grande passivo e fazer, com vergonha ou com glória, seu inventário, sua liquidação."

Estes princípios são largamente desenvolvidos na obra de Barrault, intitulada - O Cristo.

De Enfantin, outro saintsimoniano, transcreverei os seguintes trechos de sua obra - A Vida Eterna:

"Não quero, como o materialista ateu, que minha personalidade acabe com o meu cadáver. Quero como o espiritualista crente, que ela se perpetue; mas não em condições incompatíveis e contraditórias com a vida e que a privem de tudo o que ama. Mais ambicioso mais lógico e, ousado dizer, mais moral que todos os que crêem na vida futura, eu a quero tal qual ela é, e não, como a consideram contrária ao que de fato é. Eu a quero ligada cada vez mais a meus semelhantes, a Terra, ao Universo. Eu a quero progredindo e fazendo progredir tudo o que não é ela, aumentando progressivamente em lembranças e esperanças, mas também em realidade viva. Eu a quero perfectível e não perfeita, porque sou homem e não Deus. Eu a quero amante e amada, porque é por aí que o homem se aproxima de Deus, a quem nunca alcançará, nem verá face a face, porque, em tal caso, seria um deus e haveria dois.

"Tenho tanta fé na bondade de Deus, a respeito dos seres imperfeitos, que acredito firmamente na igualdade em que Ele tem o duplo juízo de sua consciência: a reprovação do mal e a aprovação do bem e que a justiça eterna nos dá progressivamente o perdão do mal, até o esquecimento e a recompensa do bem, até a lembrança eterna."

Louis Gourdan, da mesma escola, diz:

"O que sinto profundamente é que Deus nos fez livres. Nós nos elevamos, ou nos rebaixamos, conforme o uso que fazemos dessa liberdade, não somente na vida presente, como em toda a série de existências, que temos de percorrer.

"Partimos de ignotas profundidades para nos aproximarmos progressivamente de Deus, isto é, da perfeição infinita, que jamais alcançaremos. O caminho que percorremos se divide em uma inumerável série de estações. O nascimento e a morte são os dois termos de cada uma delas.

"Crer que a morte seja a porta do nada é blasfemar. Crer que, depois de alguns instantes passados sobre a Terra, recebemos uma recompensa eterna, ao um eterno castigo, é desconhecer a justiça de Deus."

O Dr. Gand, nas - Cartas de um Católico - exprime-se assim:

"Há, na doutrina da reencarnação, uma economia moral, que não escapará à inteligência humana. E' evidente que uma vida não basta aos designos de Deus quando, segundo suas leis, encarna um espírito. Demonstrando melhor a corporeidade os atos de virtude e sendo esses atos necessários ao melhoramento do espírito, raramente poderá este encontrar, em uma única existência, as circunstâncias necessárias à sua elevação.

"Estando admitido que a justiça de Deus não pode compadecer-se com as penas eternas e devendo a expiação ser proporcional à falta, a razão conclui daí: 1.^a a necessidade de um período de tempo durante o qual a alma examine seus pensamentos e forme suas resoluções para o futuro; 2.^a a necessidade de uma nova existência, em harmonia com o adiantamento atual dessa alma.

"Não falo dos suplícios, algumas vezes terríveis, infligidos a certos espíritos depois da morte. Correspondem de uma parte, à enormidade da falta e, de outra, à justiça de Deus. Quanto a novas provas, compreende-se sua necessidade, por uma comparação vulgar, mas expressiva. Depois de um ano de estudo, que acontece ao estudante? Se fez progresso, se foi aplicado, se aproveitou o tempo, passa para a classe superior. Se ficou estacionário em sua ignorância, repete a classe. Se cometeu faltas graves, é ignominiosamente expulso. Este pode andar de colégio em colégio, ser declarado indigno de pertencer à Universidade e passar da casa de educação à casa de correção. Tal a imagem fiel da sorte dos espíritos."

André Pezzani, talvez dos sábios modernos o que mais se ocupou com a questão, explana sua opinião nestes termos:

"A desigualdade das almas que vêm a Terra não procede de uma desigualdade de essência, nem de uma vontade particular de Deus. Sua razão está numa série mais ou menos longa de existências anteriores. Assim, as disposições da alma, que são efeitos de manifestações precedentes, formam o ponto de partida da existência atual. Vindo ocupar um corpo humano, a alma lhe imprime uma maneira de ser,

correspondente ao grau de adiantamento que anteriormente adquiriu."

"O pecado do pai, exclama Pelágio, não pode fazer culpados os filhos. Logo, os filhos nascem inocentes. Por serem, porém, inocentes dos crimes paternos, não se segue que as crianças o sejam igualmente dos que possam ter cometido par si mesmas, em tempos ou vidas anteriores.

"Ora, João Reynaud faz ver que a alma de alguns já é viciada ao nascer. Logo, o homem já viveu e nessa vida precedente contraiu o vício que se lhe nota.

"Decidir de outro modo seria atribuir a Deus a iniciativa de todas as ruins inclinações que manifestamos tão depressa pomos os pés na Terra. Por aí se compreende o porquê de ninguém estar aqui isento de misérias e de serem essas misérias desigualmente repartidas.

"Ficássemos nós sob a pressão da culpa original e haveria, sim, razão para todos sofrermos misérias, mas não para que um sofresse mais que outro. E às vezes o bom mais que o mau. Pelo contrário, se a nossa culpabilidade é pessoal, o que é natural é que haja diversidade de um para outro.

"Não é porque somos filhos de Adão que nos achamos depravados e miseráveis como ele. E' porque éramos depravados como ele e, por conseguinte, dignos de ser, como ele, miseráveis, que viemos a ser seus filhos. Por mais culpados, porém, que sejamos aqui, a justiça de Deus não nos inflige o castigo do inferno, uma vez que em castigo vêm a Terra os maiores culpados. Sendo a nossa culpabilidade da mesma ordem, ao nascer e ao morrer, na partida e na chegada, não pode haver na segunda porta penas diferentes das que há na primeira.

"Assim, a verdade da preexistência fornece um testemunho irrecusável contra a loucura do inferno. Da mesma sorte que a preexistência explica a prova terrestre e os fatos desta vida, sem ela incompreensíveis, assim também as reencarnações e existências posteriores das almas explicam a ordem geral do Universo, o plano da criação, a justiça e a misericórdia de Deus. E uma vez que se admita o primeiro, forçosamente se admitirá o segundo dogma.

"Ter-nos-á Deus arrancado do Nada, ter-nos-á dotado de uma funesta liberdade, ter-nos-á feito atravessar tentações sem número e multiplicadas provas e, depois de uma curta vida, que não é senão um ponto no tempo,

fechar-nos-á para sempre a porta do arrependimento e da reabilitação, fixará a nossa móvel sucessão e nos dará, a nós, seres limitados, o nosso absoluto, o nosso imutável domínio: o da mal e o da dor? Queimar-nos-á nas chamas de um eterno auto-de-fé, fogo inexorável, que calcina sem purificar, suplício atroz, que tortura sem regenerar?

"E aos seus eleitos, aos bem-aventurados, que dará Ele? Ah! Os danados não lhes invejarão a sorte! Ele os separa eternamente de seus amigos, de seus pais, de seus irmãos. Que mais lhe pode importar desde que são habitantes da cidade eterna? Não vivem nadando em um oceano de eternas alegrias'. Que alegria!

"De um lado a luz, de outro as trevas; aqui, os inefáveis louvores; além, as maldições; aqui, ainda, as mais suaves delícias; lá em baixo, as lágrimas e o ranger de dentes. Quadro incomparável! Em tudo isto nenhuma alteração! O absoluto, tanto para a felicidade, como para o sofrimento! Entre os dois mundos, o abismo do infinito e da eternidade!

"Mas, se é assim, Senhor, onde recrutareis eleitos para o vosso paraíso? Na Terra o mal alastra, o egoísmo borbulha por toda a parte e, entretanto, vejo aí a simpatia e a caridade. No meio de uma festa, em que tudo é luxo, em que a orquestra enche os espaços com seus harmoniosos sons, em que os sentidos são excitados pelas mais picantes iguarias, pelo som das vozes, pelos encantos da beleza, pelo perfume das flores, que rompa no momento da mais louca, alegria, um brado de desespero, que apareça um medonho espetáculo, que, perto ou longe, uma casa em chamas ameace reduzir a cinzas desgraçados que clamam por socorro, e, súbito, a festa cessará, os corações se enlutarão, os mais generosos correrão a arrancar as presas ao incêndio e, estejamos certos, deixando o baile, haver senhoras que deixarão cair algumas de suas jóias nas mãos dos que não têm mais asilo. Eis o que fazemos na Terra e este movimento é bom e não nos pode perder.

"Que fareis aos vossos eleitos para transformá-los, para levar-lhes o egoísmo até à barbaridade?

"Oh! Se o justo deve odiar o que amou, se deve ficar insensível aos sofrimentos dos seus irmãos, de sua esposa, de seus pais, prefiro mil vezes a sorte dos condenados e direi a Deus: Guardai Senhor, para outros, de quem não invejo o coração, as alegrias eternas do vosso Paraíso. Eu quero

viver com os desgraçados, com os que sofrem. Não quero comprar vossos favores ao preço dos meus sentimentos, de meu amor, de minha vida. Essas afeições que me destes, não as posso riscar da minha alma. Esses seres tão queridos, que pusestes em meu caminho, não deixam que eu goze alegrias quando eles são desgraçados.

"E, entretanto, há homens que ensinam que os eleitos sentem crescer sua felicidade ao espetáculo dos suplícios dos condenados, sem terem por eles a mínima compaixão! Impiedosos teólogos! Vossa pena não se quebrou entre os vossos dedos, quando escrevestes estas páginas, que vos desonrariam se pudessem ser imputadas ao vosso coração, se não fosse mais verdadeiro atribuí-las ao desvairamento da vossa fé?! Ah! Sabei que, ligando-vos à letra das ameaças saídas dos lábios do Cristo, não compreendeis o espírito do Cristianismo, dessa religião sublime, cujo principal preceito é a caridade.

"Deus de bondade, Deus de amor, Deus de misericórdia, como se pôde desconhecer-vos assim? Como se pôde colocar em vosso seio o barbarismo e a crueldade? O dogma do inferno eterno é tanto um dogma de ocasião, mantido por causa de sua utilidade, que S. Jerônimo, aliás, célebre pela guerra que moveu a Orígenes, o confessa nestes termos: "Tais são os motivos em que se apóiam os que querem fazer crer que, depois dos suplícios e tormentos, não virá o perdão e o repouso. E' o que convém ocultar agora àqueles a quem o medo faz bem, a fim de que, receosos dos suplícios, se abstenham de pecar."

Assim S. Jerônimo não sustentava o inflexível dogma da eternidade das penas. Somente fazia dele um meio de amedrontar os pecadores.

"A Igreja Católica o conservou em todo o rigor, mas temperou-o com o purgatório, que contém em embrião a fé do futuro. Entre o dogma do purgatório e das vidas sucessivas, não há senão um passo, que incumbe ao nosso século dar."

Eis, para não continuar com citações, a origem do Espiritismo, ou da idéia em que ele assenta. Uma idéia, que vem do princípio do mundo, que encarna em todo o movimento civilizador dos povos, que prossegue

através dos séculos sem se perder; uma idéia, que passa de geração a geração, de povo a povo, de raça a raça e, nestes tempos de luz, acende o facho das maiores inteligências do mundo; uma idéia, que apresenta esses atestados, não pode ser repelida sem estudo, sem exame, sem repetidas experiências, senão pelos fanáticos ou pelos possessos.

E porque a repelem?

A Igreja não tem dogma definido que se oponha às reencarnações. O que ela tem são crenças baseadas na interpretação literal das Escrituras sagradas. Aí se fala nos castigos que vão sofrer as almas depois da morte e de que tais castigos são aplicados no inferno. Eis a razão única Para a condenação do novo dogma. Não se reflete, porém, nas razões que apresenta ele para ser reconhecido como verdade.

E' novidade que altera o statu quo é, portanto, obra de Satanás! Eu já disse: tão convencido de possuir a suma verdade, como o está a igreja, estava o sacerdócio hebreu. Como então condená-lo por não ter aceitado a revelação messiânica, por tê-la denominado diabolismo, por ter preferido Barrabás ao que ensinava a superior doutrina?

O sacerdócio operou segundo as normas de todo fanatismo: só aceitar por verdade o que está aceito como verdade. O sacerdócio julgou que ofendia a Deus, se aprofundasse a nova revelação, que reconstruía o templo sobre a mesma base, porém com diferente forma e material. E' o que está fazendo a Igreja, sem se lembrar do passado, digo-o com toda a reverência.

Alega-se, porém, que as situações são diferentes, que o sacerdócio hebreu devia saber, pelas profecias, que o Cristo era esperado, ao passo que a Igreja não espera ninguém.

Passemos ao segundo ponto que prometi discutir.

Razão de ser do Espiritismo

E' verdade que o sacerdócio hebreu esperava o Cristo e por isso não lhe pode ser relevada a falta que cometeu, desconhecendo-o. Haverá, porém, algum espírito esclarecido que admita a idéia de que o desconheceu de propósito? Se não foi de propósito, foi por alguma razão respeitável, embora insubsistente. Qual será essa razão?

A Sinagoga tinha por artigo de fé que tudo quanto estava na Arca era verdade divina. Vendo, pois, atacadas muitas daquelas supostas verdades, sentiu-se ferida em sua fé e foi em nome de seu Deus que saiu a combater a Deus. Se ela tivesse mais prudente calma, se tivesse estudado a nova lei e estudado a lei geral da revelação divina, teria curvado o joelho diante do Filho dileto do Altíssimo, em vez de se ter feito deicida.

Se tivesse estudado a lei da revelação divina, disse eu. Mas, qual é essa lei? Acompanhe-me nesta necessária digressão.

A lei geral da revelação ressalta brilhante do mais perfunctório estudo do ensino celeste dado ao mundo, confrontado com a marcha da Humanidade. Façamo-lo sem fanatismo e sem irreverência, com a concentração e o respeito que merece tão superior assunto, apoiando a razão na consciência e a consciência na razão, que são o critério dado ao homem para conhecer a verdade em si.

Começemos pela revelação direta, feita por Deus, a Abraão, na primeira infância da Humanidade. Aí, que ensinou o Senhor? A unidade de Deus - e nada mais. Não deu mandamentos, não impôs obrigações, senão a de reconhecê-lo e amá-lo. E' essa a primeira genuína revelação, no sentido de ensino aos homens. E os homens, que fundam a sua religião sobre o ensino de Deus, fundaram sobre o que foi dado a Abraão o que chamarei - religião primitiva.

Nesta, logo se notam dois caracteres, que importa essencialmente assinalar: o caráter divino e o caráter humano. A parte divina era o reconhecimento da existência de um único Deus, criador, eterno, onipotente, onisciente, infinitamente perfeito. A parte humana foi a adjunção àquela crença de certos usos e costumes, que passaram com ela por princípios sagrados. Foi assim que, no período da religião abraâmica,

a poligamia se associou ao conhecimento e ao amor de Deus, constituindo a crença religiosa do povo que recebeu a revelação celeste.

Mais tarde, Deus baixou ao Sinai e fez, por Moisés, a sua segunda revelação. Esta foi mais extensa e mais compreensiva: foi feita a uma nação, em vez de o ser a uma família, e já compreendeu dez mandamentos, em vez de um único. Vemos, pois, que, pelo correr dos tempos, o Senhor julgou necessário ampliar o divino ensino. E vemos também, nesta segunda revelação, o que vimos na primeira: os homens construírem sobre ela uma religião composta de dois infalíveis elementos - o divino e o humano. Assim, no período da religião mosaica, temos, de um lado, as verdades eternas recebidas no Sinai e, de outro lado, o código draconiano de Moisés, que consagra o dente por dente e a prescrição de passar a fio de espada as mulheres e as crianças dos povos vencidos. E vemos, finalmente, que a parte humana da primitiva religião, a abraâmica, foi banida pela maior luz da segunda, a mosaica. Efetivamente, esta condenou as práticas abusivas dos abraamistas, proscrevendo a poligamia.

Cabe aqui um incidente. Por que razão Moisés, o mais conspícuo varão da antiguidade, que "falou a Deus face a face", imiscuiu com as verdades divinas prescrições tão repulsivas e condenáveis? Porque, sem dar satisfação aos instintos do tempo, não conseguiria que seu povo recebesse o ensino salvador e Deus, em seu amor pelo homem, permite que seus ministros lhe respeitem a fraqueza, contanto que se sirvam dela para lhe inocularem a eterna verdade.

Se Moisés, naqueles tempos de atraso material, em que o homem era quase animal selvagem, dominado pelas paixões brutais e pela força, lhe impusesse os divinos mandamentos, proscrevendo todo ato de vingança e de violência, veria repelidas as Tábuas da Lei, porque a natureza, nos ignorantes, tem mais força que a razão e a consciência. O santo varão foi, pois, obrigado a ceder à natureza brutal de seu povo, no intuito de inocular-lhe o contraveneno daquela mesma brutalidade. Respeitou-lhe o sentimento vivaz da vingança, prescrevendo o dente por dente e olho por olho. Respeitou-lhe o sentimento da proeminência da força sobre tudo, prescrevendo o morticínio das mulheres e das crianças dos inimigos vencidos. Representou-lhes o Senhor como um soberano cruel e vingativo, que doutro modo ninguém aceitaria, não se aceitando um rei

que não fosse o símbolo da crueldade e de todas as manifestações da força bruta. E, para conter aquela fera gente na parte divina da religião, ameaçou-a com os castigos materiais e eternos depois da morte.

Temos, pois: 1.º, que a revelação subiu um grau em extensão e compreensão; 2.º, que, para produzir seus salutares efeitos, condescende com os erros arraigados no coração da Humanidade, donde a existência em toda religião, desde Abraão até Moisés, dos dois caracteres: divino e humano; 3.º, que a maior luz de um superior grau de revelação faz cair as falsidades tidas até aí por verdades, escoimando delas as puras verdades.

De Abraão a Moisés decorreram cerca de vinte séculos, e cerca de vinte séculos depois de Moisés, baixou à Terra o Filho dileto de Deus, para dar-lhe mais amplo ensino.

A revelação messiânica é, com efeito, mais ampla em extensão, pois que se estende a todos os povos da Terra; e é mais ampla em compreensão, pois que regula todos os sentimentos humanos em relação a Deus e em relação ao próximo. Subiu, pois, de grau, em relação à de Moisés, como a deste subiu em relação à de Abraão.

A religião cristã, baseada na revelação messiânica, não precisou condescender com preconceitos humanos, como as duas precedentes? Por outra: a religião cristã não contém as duas partes, ou elementos distintos: o divino e o humano? Discutiremos mais tarde este ponto. Passemos ao terceiro caráter da revelação: a eliminação, pela maior intensidade da luz, do que havia de falso, ou humano, no seio da religião até aí.

Não preciso dar prova de que a nossa religião tem esse caráter, pois que, confrontando o Novo com o Velho Testamento, deparamos com as mais fortes asperezas deste limadas por aquele. Em vez do dente por dente e concomitantes preceitos do código de Moisés, temos o sublime: diligite inimicos vestros, etc. Em vez do Deus de vingança, temos o Deus de amor. E, quanto a castigos, Jesus fala, é verdade, dos eternos, mas não com a força de Moisés, antes como quem fala de coisa sabida, sem dizer positivamente - é verdade pura.

Assim, pois, comparando as três revelações, chegamos fatalmente a esta conclusão: a revelação divina é periódica e progressiva.

Mas, porque é assim e não feita de uma vez, ou porque não é contínua?

Vem a pelo confrontar essa progressividade irrecusável com a marcha

da Humanidade, para termos cabal resposta àquelas interrogações.

Deus criou o homem racional e o submeteu à lei do progresso. Todo homem e, por todos a Humanidade se caracteriza pela perfectibilidade. De século em século, de ano em ano, de dia em dia a Humanidade conquista novas luzes, que lhe dão superioridade moral e intelectual. Esta verdade é axiomática.

Se, pois, o homem é perfectível, como o Criador é perfeito e se essa perfectibilidade se tem desenvolvido lenta e progressivamente, como no-lo revelam a tradição e a história, é intuitivo que o ensino do Pai tem, neste caráter humano, a sua natural explicação, a razão de sua periodicidade e de sua progressividade.

Deus não podia ensinar à Humanidade, no tempo de Abraão, o que ensinou no de Moisés, nem, no tempo deste, o que ensinou pelo Cristo. Para cada grau de evolução humana, Ele deu um grau correspondente da divina luz e, a cada grau de luz mais forte, fazia desprender-se das eternas verdades todos ou parte dos preconceitos humanos, que as inquinavam.

Assim, pois, cada revelação aumenta o ensino, na medida da capacidade humana, e limpa a religião de certas impurezas, que o atraso humano torna necessárias à fecundação das eternas verdades.

Progressividade de revelação e perfectibilidade humana é, portanto, dois termos da eterna equação, cujo x é o infinito amor do Pai.

Eis porque a revelação não foi feita toda de uma vez e não pode ser contínua. Aí tem como, por não conhecer essa sublime relação, a Sinagoga repeliu a luz, não de propósito, o que só a perversidade poderá admitir, mas por mal entendido zelo, vendo atacados princípios, que tinha por verdades. Se ela soubesse que a revelação é progressiva, na medida da perfectibilidade humana, não repeliria a maior luz trazida ao mundo pelo Cristo, conhecendo que a que lhe fora dada por Moisés não compreendia a última palavra do Céu. Se ela soubesse que há sempre na religião uma parte humana, que só desaparecerá de todo quando a revelação chegar ao seu último grau, por ter a perfectibilidade humana ter atingido o maior grau do seu desenvolvimento, não se escandalizaria de ver o Cristo combater princípios que lhe pareciam verdades.

Mas, a que vem tudo isto em relação à nossa tese: "Razão de ser o Espiritismo"? Verá que vem muito a propósito, que tudo isto é essencial.

Se a revelação é progressiva, na razão do desenvolvimento da nossa perfectibilidade, conclui-se daí rigorosamente que, enquanto a Humanidade não tiver tocado ao apogeu da sua perfectibilidade, a revelação não pode ter chegado ao seu mais elevado grau de luz.

Já teremos chegado àquele apogeu? Não há um ser pensante que possa dizer - sim. O que sabemos das leis da criação é para o que ignoramos, o que o ponto é para o espaço infinito. Logo, ou Deus não gradua seu ensino pela nossa capacidade para compreendê-lo; ou ainda não é completo o ensino que nos tem dado até o presente.

Mas a lei das revelações tem guardado invariavelmente, desde o princípio do mundo, aquele caráter de respeito à evolução da Humanidade. Logo, cai por terra a primeira hipótese e fica de pé a segunda.

E isso foi confirmado e sagrado por Jesus Cristo, quando disse aos discípulos que deixava de ensinar muitas outras verdades, por não ser oportuno.

Porque não era oportuno ensinar aquelas outras verdades? Não há senão a razão de não estar o mundo em condições de recebê-las, compreendê-las e cultivá-las devidamente. Logo, a revelação divina não se completou pela do Cristo, afirmando Este a lei de sua progressividade, consoante com a da perfectibilidade humana.

Se é assim e se já tem decorrido do Cristo até hoje tanto tempo quanto decorreu de Abraão a Moisés e de Moisés ao Cristo, porque não se há de aceitar a idéia de uma mais completa revelação - da revelação dessas verdades que Jesus não pôde ensinar - de uma revelação complementar da de Jesus, como ele prometeu?

Se, tendo o mundo caminhado cerca de dois mil anos depois da revelação abraâmica, Deus lhe mandou outra mais ampla por Moisés; se, tendo progredido, noutras tantos séculos, depois de Moisés, Deus lhe mandou a revelação messiânica; em que repugna admitir, para verificar, que hajam chegado os tempos de nos serem ensinadas aquelas verdades que o Divino Mestre calou e prometeu mandar ensinar mais tarde, uma vez que daquele tempo para cá e por abra de seu ensino a Humanidade

tem tanto progredido?

O Espiritismo toma, pois, como razão de ser: 1.^a, a eterna lei das revelações divinas, que corresponde ao desenvolvimento humano, incontestável nos dezenove séculos decorridos; 2.^a, as palavras de Jesus, prometendo futuro ensino.

Sei que os fanáticos, mais cruéis inimigos da religião do que os ateus, porque estes combatem e aqueles deturpam, sei que eles, não podendo recusar o fato contido na declaração do Cristo, por estar consignado no Evangelho, alegam, contra a pretensão do Espiritismo, que, para revelar as novas verdades, o Redentor fez baixar à Terra o Divino Espírito Santo, que assiste a Igreja.

Nenhum cristão pode recusar a verdade da descida do Espírito Santo; mas, o que dizem os Evangelhos é que ele desceu sobre o colégio apostólico, para inspirar força e saber aos que tinham de pregar ao mundo as verdades ensinadas pelo Mestre. Não leio em parte alguma que tenha ele descido para fazer revelação, nem mesmo das verdades omitidas por Jesus.

E a própria Igreja, que se considera a legítima sucessora do colégio apostólico e por isso assistida pelo Espírito Santo, diz, por seus mais autorizados órgãos, como acima anunciei: "que não compôs um só livro sagrado, porque não é inspirada, mas sim interpreta todos os livros sagrados, porque é assistida pelo Espírito Santo."

Já vê V. que é da Igreja a formal declaração de que a assistência do Espírito Santo é exclusivamente para que ela interprete o que já está revelado - todos os livros sagrados. E isso se conforma perfeitamente com o fato de não termos tido, de Jesus Cristo até hoje, apesar da assistência do Espírito Santo e do grande progresso feito pela Humanidade, a revelação, pela Igreja, de qualquer nova verdade.

E, pois, a Igreja deve esperar, como devia esperar a Sinagoga, o prometido revelador das verdades omitidas por Jesus, como o sacerdócio hebreu o prometido Messias.

Nestas condições se apresenta uma doutrina, santa por sua moral, santa por sua teodiceia, que não tem autor conhecido, que brota misteriosamente em todos os pontos da Terra e que, em vez de pescadores, toma por discípulos os primeiros vultos da ciência. Essa

doutrina não destrói a Igreja, como Jesus não destruiu o Templo. Sobre a mesma base: a moral e a teodiceia, ensina uma Teogonia, que, pode-se dizer, é apenas um complemento do majestoso edifício. Ensina uma Teogonia que explica, em honra e glória do Criador, o princípio, a evolução e o destino dos espíritos.

Mas, como substitui a vida única pela vida múltipla e as penas eternas pelos corretivos temporários, a Igreja nem quer ouvir falar dela, quanto mais estudá-la. E' obra de satanáas! Crucifige - Crucifige eum!

Porque é obra de Satanás? Por sua moral, não, que, já o tenho dito, é a de Jesus. Por sua Teodiceia, não; porque, já o disse, é a ortodoxa. E' por sua Teogonia, porque acaba com a vida única e com o inferno, dois princípios consagrados pela religião? Lembro que o sacerdócio hebreu não repeliu o Cristo por outra razão.

Pergunto: que provas tem a Igreja que aqueles princípios são verdades eternas? Como temos visto, pelo estudo das revelações, a religião encerra sempre - é preciso que encerre - certos princípios de caráter humano, que servem de veículos aos princípios eternos, de caráter divino.

Quem atacasse a poligamia, no período abraâmico, atacava a lei de Deus. Quem atacasse o código de Moisés, com o seu olho por olho et reliqua, atacava a lei de Deus.

É pois, muito racional que seja excomungado, por atacar a lei de Deus, o que atacar os princípios da vida única e do inferno. Mas, assim como aqueles erros foram julgadas verdades sagradas, em seu tempo, não podem estes nossos princípios ser falsos, apesar de envernizados pela religião?

Que a religião cristã deve forçosamente conter impurezas, é indubitável, visto que ela não encerra ainda todas as verdades eternas. Desde, pois, que não recebeu ainda o máximo da luz do céu, como bem claro o dizem as palavras de Jesus, sua parte humana, embora muito reduzida pela doutrina do Redentor, ainda se mantém necessàriamente e se manterá até que, completada a parte divina, desapareça de todo a humana.

Ora, se é positivo que, de envolta com as verdades eternas, em nossa

religião ainda há resíduos da nossa natureza atrasada, como afirmar que este ou aquele princípio é divino?

Mas, então, dir-me-á V., ficaremos em dúvida a respeito de todos e, conseqüentemente, a respeito de toda a religião.

Não é assim, porque temos um critério infalível para o conhecimento da pura verdade. Temos esse critério nas perfeições infinitas do Criador. Tudo que as exaltar é pura verdade. Tudo que as rebaixar é pura mentira. E, por esse critério, podemos verificar quais os princípios de nossa religião que são verdades, quais os que são mentiras. Já sabe o sentido em que emprego aqui a palavra mentira: no de falsos princípios que são respeitados como veículos dos verdadeiros.

Passando em revista os princípios da nossa religião e confrontando com o divino critério, reconheço, para acatar, que todos exaltam as perfeições do Criador, menos, exatamente, o da vida única, com as penas eternas, que as rebaixa.

E a prova vou dar-lhe, tomando três fatos humanos, que só se podem explicar, subsistindo os dois princípios, com detrimento da Suma Perfeição.

E' de simples intuição que, não sendo única, a vida corpórea do espírito, não pode haver penas eternas, nem inferno. Portanto, limitar-me-ei a tratar da primeira.

Explique quem for capaz o fato tão comum de apresentarem os homens, no desabrochar da vida, disposições opostas em relação ao bem e ao mal, assim como em relação ao saber.

Se somos criados por Deus no momento em que devemos entrar na vida, é incontestável que a inclinação que manifestamos, antes de exercermos a liberdade conscientemente, não pode ser senão obra de quem nos tirou do nada.

Se é do Criador que recebemos as inclinações com que nascemos, o Criador não é justo, porque dá a uns inclinações acentuadamente más. E tanto menos é justo quanto, criando as almas com disposições opostas, lhes toma, no fim da vida, contas iguais, dizendo que tiveram igual

liberdade.

Não há dúvida de que todos têm liberdade; mas a de um é auxiliada pela boa inclinação nativa, ao passo que a do outro é contrariada pela má inclinação nativa. Pode-se exigir igual viagem de dois navios, construídos com a mais perfeita igualdade, mas um dos quais tem mares e ventos a favor.e o outro tem mares a favor e ventos contra? E' o nosso caso e ele protesta contra a Eterna Justiça, ha criação e no julgamento das almas. Na criação, porque repartiu desigualmente as condições de salvação. No julgamento, porque condena à morte eterna tanto o que teve boa disposição nativa e fez mal uso da liberdade, como o que fez mau uso da liberdade, tendo tido ruim disposição nativa.

O dogma espírita das vidas múltiplas é que vem defender o Criador da feia acusação que lhe faz o da vida única. E' pelas vidas sucessivas que o espírito se apura; mas como o maior ou menor progresso de cada um depende do maior ou menor esforço que faz como criatura dotada de plena liberdade, segue-se que, num ponto dado da duração do tempo, uns espíritos têm subido admiravelmente, outros têm ficado atrasadíssimos e outros ocupam os variadíssimos graus que se notam entre os dois extremos.

Pois bem. O espírito adiantado, que reencarna, apresentará inclinação para o bem, a que já é afeiçoado, e essa inclinação é conquista sua e não obra do Criador. Pelo contrário, o espírito atrasado apresentará, reencarnando, inclinação para o mal, a que ainda é afeiçoado, e essa inclinação é obra de suas obras e não de seu Criador.

Assim, no regímen da vida única, a perversão moral que manifestam certas crianças, antes de terem consciência do bem e do mal, não pode deixar de ser atribuída a quem as criou, enquanto que, no regímen das vidas múltiplas, aquela perversão corre por conta do próprio espírito.

Pelo lado intelectual a mesma coisa. Uns são dotados com inteligência genial, e outros com inteligência boçal: Platão e Hotentote.

E' admissível que o Pai reparta tão desigualmente seus dons por seus filhos, máxime esse da inteligência, que é o superior meio da salvação? Mas a vida única o acusa dessa injustiça.

Outro fato humano, que não depõe menos eloqüentemente contra o famoso principia por cuja sustentação a Igreja repele o Espiritismo, como

a Sinagoga repeliu o Cristo, por atacar princípios falsos, que ela supunha verdades divinas:

O Senhor criou o espírito e lhe deu um corpo com os órgãos precisos para o desenvolvimento das suas funções. Entretanto, vemos, por aí, cegos, mudos, surdos e idiotas de nascença. Não pode essa restrição odiosa na partilha dos bens do Pai ser obra de pecado original, porque nesse caso todas a sofreriam. Não pode, tão pouco, provir do pecado do pais imediatos, porque, então, todos os filhos desse tronco a partilhariam. Não pode, finalmente, proceder da própria culpa desses deserdados, porque nasceu com eles, o que quer dizer que foram criados já assim.

Explique quem for capaz esse fato tão comum, sem ofender, sem acusar a Deus, mantendo o famoso dogma da vida única!

O Espiritismo, com o seu dogma, de vidas sucessivas, o explica suave e naturalmente, em honra e glória da Perfeição Infinita. Esses defeitos são o selo da punição dos Espíritos que os manifestam e que os mereceram por suas faltas na precedente existência. São, pois, obra nossa, obra do mau uso que fizemos da liberdade e não obra do Criador.

O terceiro fato, que prometi, merece mais séria atenção.

Como vimos a revelação divina, que é a luz dada por Deus para o homem descobrir e brilhar o caminho do Céu, é progressiva, oferece três períodos bem assinalados: o abraâmico, o moisaico, o messiânico. Daí resulta que a luz do primeiro é fraquíssima em relação aos posteriores e que a do último é, segundo ensina a Igreja, a mais intensa que pode ser dada à Terra. Sendo assim, só teve a perfeita luz para a salvação a parte da Humanidade que Deus criou de Jesus para cá.

E a que foi criada no domínio da revelação mosaica? E, principalmente, a que foi criada no domínio da revelação abraâmica? Já não falo da que foi criada fora do círculo das revelações, verdadeiros enfeitados de um pai de coração de rocha. Explique quem for capaz, com quanta sutileza e argúcia quiserem esse fato, que não pode ser contestado, porque está consagrado pela história profana e pela história sagrada. Explique-o, sem acusar a Deus de bárbaro e cruel injustiça!

O Espiritismo surge com o seu dogma das vidas múltiplas e toda a dificuldade desaparece e o Deus criador readquire o Trono que brilha pelo amor igual para com todos os seus filhos.

Os espíritos, que viveram no domínio da revelação abraâmica e que caminharam à luz dessa limitada revelação, volveram à vida no domínio da revelação mosaica e caminharam à luz dessa mais ampla revelação. Daí volveram à Terra no domínio da revelação messiânica e caminharam e caminham e caminharão, à luz dessa revelação.

Portanto, não houve a odiosa desigualdade de serem uns criados em trevas, outros em crepúsculo, outros em dia nublado e o resto em dia claro de sol radiante. Portanto, Deus deu a todos e a cada um a mesma luz gradualmente, como numa academia se dá gradualmente o ensina. Pode acusar a organização de uma academia, por ver ensinar-se, aos estudantes do último ano, ciência superior à que se ensina aos do primeiro, quem supuser que, acabado o ano, as duas turmas têm completado seu estudo e vão a seu destino. Aquele, porém, que soubesse melhor informado, que os estudantes do primeiro ano não ficam aí, sobem de ano em ano, recebendo em cada um maior ensino, até chegarem ao mais alto, dado no último ano, certo não acharia motivo para censura, quanto mais para acusação.

Pois é exatamente este o nosso caso. Pelo sistema da vida única, todo o paganismo fica deserdada da luz celeste e os próprios que foram criados dentro do círculo de sua ação recebem mais ou menos, conforme o tempo em que aprouve a Deus criá-los. Pelo sistema das vidas múltiplas, o paganismo passa pela circuncisão e pelo batismo, e os que receberam pouca luz, numa existência, recebê-la-ão plena em outras.

Entre um princípio que compromete as infinitas perfeições do Soberano Senhor e outro que as sustenta e exalta, não vejo senão o fanatismo cego, o que perdeu o sacerdócio hebreu, capaz de vacilar na preferência.

O Espiritismo, pois, firmado na lei da progressividade da revelação e na promessa do divino Jesus, de que mandaria mais tarde revelar as verdades que não era oportuno ensinar, apresenta-se, como seu enviado, ensinando uma Teogonia baseada na pluralidade de existência, que justifica ser uma daquelas verdades, pelo confronto com o infalível critério de toda a verdade. Eis a sua razão de ser.

Agora passemos ao seu modo de ensino, terceiro ponto que anunciei.

Modo de Ensino do Espiritismo

Como vimos, é caráter de toda revelação assentar na coexistência de três princípios essenciais: a mais alta amplitude do ensino, a exata conformidade do ensino com o critério absoluto e a depuração da parte humana da religião. Que o ensino espírita é mais amplo em compreensão ressalta evidentemente do fato de confirmar ele tudo o que foi ensinado pelo Cristo e apresentar ao mundo novas idéias que dão uma face nova à religião, sem lhe alterar os fundamentos sagrados.

Em extensão, vê-se que ele tem muito mais latitude, pois que não partiu de um ponto da Terra, como todas as anteriores revelações; mas irrompeu de todos os pontos do Planeta. Não veio trazido por um mensageiro do Senhor, mas tem sido pregado por milhares de invisíveis mensageiros do Senhor.

Que o ensino espírita, mais amplo que os precedentes, sustenta o caráter de verdade absoluta, no confronto com o infalível critério, vimo-lo pelos três fatos que acima examinamos.

Que expurga a religião de falsos princípios, que constituíam a sua parte humana, também vimos par aqueles fatos, que provaram a impossibilidade de conformar-se com o absoluto critério o dogma da vida única e seus correlativos.

Se o Espiritismo não é revelação, é embuste, é obra de Satanás. Então os embustes e as obras de Satanás podem apresentar o caráter essencial das revelações divinas.

Os meios de sua divulgação maravilhosa, pois que em dez anos já conta milhões de sectários e domina grandemente entre os homens da ciência, têm sido as comunicações feitas por Espíritos invisíveis, como disse há pouco, a certos espíritos encarnados, que se chamam médiuns. Da comunicação dos Espíritos (comunicação dos santos) não é lícito senão ao materialista duvidar. E' fato gravado na História e de que não há uma família, entre nós, que não tenha tido provas. Aceito o fato, pergunto em que se baseiam os que o limitam a peditórios de preces e de satisfação de promessas?

Os mortos se comunicam com os vivos, eis o que ninguém pode contestar. Em que condições e para que se comunicam, é o que ninguém

pode predeterminar. Por que razão podem vir pedir e não podem vir dar? That is the question!

Se não temos conhecimento perfeito da lei das comunicações entre os vivos e os mortos (*lex constituta*), devemos estar pelo que a experiência e a observação verificarem a tal respeito (*lex constituenda*). Assim, se alguém, no Rio de Janeiro, tiver a visita de um amigo, residente em S. Paulo, a anunciar-lhe que morreu e disso houver testemunhas e, mais tarde, dias depois, chegar de S. Paulo carta comunicando a morte daquele amigo, precisamente no dia da sua aparição, o fato está autenticado e o fato prova que os Espíritos não se comunicam só para pedirem. Poderia citar-lhe alguns outros desta ordem e até um dado comigo no dia da morte de meu pai; mas disso creio que não há quem duvide.

Se alguém for, no Rio de Janeiro, acusado de um crime, de que está inocente, e, nos Estados Unidos, um irmão receber comunicação, no mesmo dia, de que seu irmão é acusado, mas está inocente, sendo o seu companheiro quem praticou o mal - e aquele irmão imediatamente escrever pedindo informações do que lhe foi revelado - e o que disser na carta, sobre tal revelação, conferir perfeitamente com o que aconteceu, o fato está autenticado e prova que os Espíritos se comunicam, não só para pedirem, mas também para se despedirem, como para darem notícia.

Pois bem, esse fato se deu aqui com um moço de meu conhecimento, quando não havia ainda telégrafo submarino para os Estados Unidos. O moço era empregado no Banco Inglês e da sua gaveta desapareceram 500\$000 rs. em estampilhas, pelo que o gerente suspeitou do seu caráter. Nobre e honrado, pagou os 500\$000 rs. e demitiu-se incontinenti. A chegada do pacote inglês, por onde vinha então a correspondência dos Estados Unidos, recebeu do irmão, que estava ali, uma carta em que lhe referia o seguinte: "Indo a uma sessão espírita; foi o médium tomado de um Espírito, que me disse: "Meu irmão está aqui satisfeito, porém sua família, no Rio de Janeiro, está aflita, porque seu irmão Fulano foi suspeitado de ter roubado ao Banco 500\$000 rs. de estampilhas. Eu, porém, lhe digo que ele não cometeu tal falta, mas sim um companheiro, que trabalhava com ele na mesma mesa." A comunicação lá foi feita no mesmo dia em que se deu o fato cá e o autor da carta pedia nela que lhe escrevessem, sem falta, para tranquilizar. Pouco tempo depois do sucesso,

descobriu-se o verdadeiro autor do furto.

Se alguém, aqui na corte, pedir a um médium que consulte o Espírito, que o assiste, sobre os sofrimentos de uma pessoa residente em Diamantina, em Minas, sem dizer nem palavra a respeito de tais sofrimentos e receber horas depois um relatório de todos os males que afetam o organismo daquela pessoa e reconhecer que tal diagnóstico é a perfeita expressão da verdade, o fato está autenticado e prova que se dão comunicações também relativamente ao estado de saúde dos vivos. Esse caso deu-se aqui com o conselheiro Matta Machado, deputado mineiro e ministro do gabinete de 6 de Junho, em relação ao pai, residente em Diamantina.

Se alguém se achar doente e os médicos o desenganarem por tuberculoso e, recorrendo ao Espiritismo, receber comunicação de que não há tuberculose, e, usando dos remédios que, pelo mesmo Espiritismo lhe foram dados, ficar bom, teremos mais uma prova de que a comunicação dos mortos com os vivos vai além da simples indicação do estado de saúde, vai até a indicação dos meios curativos. Esse caso se deu com minha mulher, desenganada por tísica e curada completamente pelo Espiritismo.

De minha casa e de casas conhecidas, poderia eu dar-lhe uma relação de centenas de casos iguais, começando por mim, a quem toda a mestrança, durante cinco anos, não pôde dar um alívio; no entanto, uma alma do outro mundo me pôs bom em poucos meses.

Como vê, as comunicações, irrecusáveis em si, até porque são confessadas pelos livros sagrados, não se limitam a simples pedido de almas penadas, como pensam os que acreditam que a luz do gás, porque é imensamente superior à da vela e do azeite, não admite outra mais intensa.

Ora, se os limites da comunicação se estendem dia a dia, aos olhos da observação e da experiência, porque repelir a idéia de que o Senhor faça, por meio dos Espíritos superiores, a revelação de suas prometidas verdades?

Um fato singular se manifesta com o aparecimento do Espiritismo: é a multiplicidade de médiuns. Até há pouco os fatos de comunicação eram raríssimos e nunca aparecia uma pessoa com o dom de recebê-las a todo

momento. E' que os tempos não eram chegados, esses tempos de que fala Joel e fala o símbolo dos Apóstolos, em que o espírito de Deus se espalhará por toda a carne e velhos e moços profetizarão.

Hoje pululam os médiuns, recebendo a cada hora comunicações de todo gênero: umas repulsivas pela doutrina que encerram, outras sublimes pelo ensino que dão, coerentes com o que nos ensinou o Redentor. E' que são chegados os tempos de receber o mundo mais amplo conhecimento dos mistérios humanos, que Deus vai aclarando, à medida que o mundo vai podendo compreender.

A essa diversidade de tons, que se nota nas comunicações, dá testemunho de que são elas feitas pelos Espíritos humanos. Os bons e adiantados nos dizem coisas sublimes, de atraírem nossas almas para o absoluto bem. Os maus e atrasados nos dizem o que nos diziam quando conviviam conosco: coisas de nos afastarem do bom caminho.

Advertidos, por esse modo, de que nem todos os Espíritos, que se comunicam conosco, são adstritos ao bem, cumpre-nos receber sua palavra, como recebemos os conselhos dos vivos: com o maior cuidado, aferindo-a pelo padrão dos princípios eternos. E' isso o que fazem as associações espíritas e é por esse meio que têm elas organizado a nova doutrina, que vai conquistando a fé universal.

No símbolo do Espiritismo não entra tudo o que é revelado pelos Espíritos, senão o que suporte o confronto com o infalível critério.

Os médiuns são meros transmissores do ensino superior e facilmente se verifica isso, vendo-se que um homem ignorante de uma língua, ou de uma ciência, escreve como se as soubesse de cor.

São os instrumentos do diabo, diz V. E' um ponto muito sério, para o qual o chamo, visto que fecho aqui o capítulo "Meios do ensino espírita".

Quem é o diabo?

A Humanidade, em sua primitiva ignorância, atribuiu, por toda a parte, a poderes ocultos e divinais o bem e o mal que a afetavam. Vem daí, como se sabe, a crença, enraizada em todos os povos antigos, de um deus bom e de um deus mau. Essa oposição se compreende no politeísmo: o

erro pelo erro.

Em nossa Teogonia, também V. o sabe, só houve sempre um Deus, o eterno Jeová, senda o mal de pura criação humana.

Entretanto, os Hebreus, eivados das falsas idéias dos Caldeus de Babilônia, durante o cativeiro que sofreram ali, compuseram o Talmud, onde pela primeira vez aparece a idéia do espírito do mal, encarnada nos anjos decaídos. Essa idéia ocupou lugar em nossa Teogonia com o valor de dogma eterno. Foi a parte humana da revelação escrita, que Jesus certamente não baniu, como baniu outras muitas práticas falsas, porque não era oportuna; porque era princípio tão encravado no espírito humano, que preciso se tornava deixar fazer o seu tempo, para não se porem em risco as eternas verdades que Ele ensinou; porque, só quando chegasse a oportunidade das verdades que Ele deixou de ensinar, é que chegaria o tempo de banir-se tão absurda concepção.

Absurda e blasfema! Se Deus criou os anjos perfeitos, eles não podiam cair na imperfeição, sem destruírem o plano e o fim de sua criação. Conseqüentemente, ou Deus não soube delinear o seu plano, ou o delineou convenientemente e não pôde mantê-lo. Mas isso é absurdo e blasfemo!

Os rebeldes, os que ousaram combater o poder do Onipotente, apesar de lançados do céu, continuam a luta com o Senhor. Este criou os homens para felicidade eterna e eles lhe burlam o plano segunda vez, arrastando a si o que Deus criou para si. Isto é simplesmente absurdo e blasfemo!!

Deus, em vez de esmagar seu ousado inimigo, faz um movimento de flanco: vai arrancar-lhe a presa, fazendo encarnar no seio da Humanidade seu Dileto Filho. Mas, assim mesmo, o inimigo não se rende e vai roubando todo o dia a maior parte do rebanho remido pelo sangue do Filho de Deus. Isto é supinamente absurdo e blasfemo!!

Afinal vem o dia do tremendo juízo - dies irae, e então que fica? Ficam os dois reinos - o do bem e o do mal - por todos os séculos dos séculos; ficam Deus e Satanás, cada um sentado em seu trono! E' o triunfo definitivo do mal, é o homem pagando à custa da querela entre Deus e os anjos rebeldes, é a injustiça a par da fraqueza de Deus! Isto só pode entrar no cérebro de quem julga lisonjear o Senhor emprestando-lhe as fraquezas humanas e dando a suas criaturas atributos divinos.

Inquestionavelmente, por esta Teogonia, o mal acaba triunfante e os

anjos rebeldes ficam, no reino do mal, tão onipotentes como Deus o é no reino do bem. Isto é que é legítimo politeísmo e não o Espiritismo, como pensa V., por não o ter estudado.

Suponhamos, porém, que existe o diabo, ou a criatura atacando sempre o Criador e contrastando-lhe o poder. Vejamos a questão por novo lado.

Cá em nosso mundo sublunar, a imperfeita criatura humana vela por seus rebanhos onde quer que existam lobos, isto é, inimigo irresistível. Creio não precisar cansar-me com argumentos por provar que, segundo a nossa Teogonia, o demônio é, para o homem, milhares de milhões de vezes mais irresistíveis do que o lobo é para a ovelha. Bastam ver que Deus nos reduz a pó com uma faísca elétrica e que o demônio afronta impávido todos os raios do Soberano Senhor.

Pois bem. O que o imperfeito faz a um animal, por sentimento de compaixão, o Perfeito não dispensa aos que chama seus filhos! Ao invés disso, entrega esses seus filhos à sanha dos lobos e ainda os castigam cruelmente por se deixarem bater!

E' verdade que lhes deu a liberdade para resistirem; mas que é essa liberdade em relação ao poder e à inteligência do inimigo? É sem tirar nem pôr, o direito que tem um homem desarmado de bater-se com outro, armado dos pés à cabeça. E Deus permite esse combate desigual e pune de morte (de morte eterna) o que Ele fez fraco e se bateu com o que Ele fez forte!

Quem não vê que tudo isso é humano, é o resíduo das impurezas que os tempos de ignorância atiraram à caldeira em que se fundia a lei revelada - a religião?

Suponhamos, finalmente, que há diabos e que, por isso, têm razão os que se receiam de suas artes e que por isso têm razão de suspeitarem, esses tais, que o Espiritismo seja obra dos diabos.

Suspeitar, ter dúvidas, sim senhor, porque a dúvida é o princípio gerador da verdade. Mas os que atacam o Espiritismo, sem o estudarem, não fazem da dúvida meio de descobrirem a verdade. Não conhecem a doutrina, ou a conhecem superficialmente; mas afirmam por isso mesmo que ela é obra de Satanás. E V., que admite o blasfemo politeísmo do reino de Deus e do reino de Satanás, com o triunfo definitivo do mal, diz que o Espiritismo, que ao reconhece um poder soberano, é a consagração

do politeísmo.

O Espiritismo é obra do demônio. Vejamos. Jesus disse que pelo fruto se conhecerá a árvore, porque de árvore boa não pode provir fruto ruim, nem fruto bom de árvore ruim. Pois bem. Sigamos o caminho que nos ensinou o Divino Mestre para descobrirmos a verdade.

Se o Espiritismo é obra do demônio, não pode produzir frutos bons, isto é: sua doutrina será uma aglomeração de erros. O Espiritismo oferece três únicas faces, pelas quais pode ser estudado e condenado ou proclamado. E' a face moral - é a face teológica - é a face teogônica.

A moral espírita não inova, não altera nem a pontuação da moral de Jesus Cristo. Oferece-o por modelo ao mundo e prega o amor ao próximo e o amor de Deus, com S. João, e a caridade com S. Paulo. Este fruto do Espiritismo é tão bom como o que Jesus deu a provar ao mundo. Logo, esta primeira face da nova doutrina não pode ser obra de Satanás.

A Teodiceia espírita é, sem alteração, a da Igreja, firmada nas revelações abraâmica, mosaica e messiânica: "Tudo no Universo é regulado por leis eternas, postas por aquela vontade. E ela exprime o Ser Infinito, o Criador Incriado, o Perfeito em todas as suas manifestações."

Se há vício no Espiritismo, é o de não admitir por verdade qualquer princípio que possa ferir os divinos atributos. Mas isto não pode ser obra do demônio, porque este não se empenha em fazer realçar as supremas perfeições.

Por esta segunda parte, conseguintemente, o Espiritismo é, ou pode ser, tanto obra de Satanás, como a Teodiceia ortodoxa.

Resta a terceira face: a teogônica, que efetivamente faz inovações nas crenças assentadas, mas não nos Evangelhos segundo o espírito. Suas inovações, porém, são aferidas pelo infalível critério e os princípios que elas deslocam são os que não suportam confronto com aquele critério. Isto já vimos em relação à questão da vida única e das penas eternas e veremos mais desenvolvidamente quando passarmos à apreciação dos princípios essenciais do Espiritismo.

Se, pois, esta doutrina, em duas de suas três partes, se conforma

completamente com o que está recebido por sagrado e na última só altera o que ofende as virtudes do Altíssimo e substitui isso que altera por princípios que exaltam aquelas virtudes; ou, por outra: se seus frutos são bons, como dizer-se que procedem de ruim árvore e que são obra de Satanás?

"A unidade de nossa fé, pela qual somos obrigados a manter o que a Igreja reconhece por verdades, é muito superior à variedade da razão, que procura alterar o patrimônio daquelas verdades", diz V.

A fé também obrigava o sacerdote hebreu a manter em sua integridade a lei de Moisés, contra as inovações do Cristo.

E que é a fé? Será a faculdade que Deus nos deu para crermos no que não podemos compreender? Creio que sim, porque não compreendemos a Deus e, entretanto, cremos nele.

Mas a fé não nos pode ter sido dada para crermos em tudo o que não compreendemos. A fé certa se regula por leis eternas, para que aceite os mistérios que são verdades, e repila os que são falsidades. Uma dessas leis, já o vimos, é o critério absoluto, que serve de pedra de toque para toda verdade e para todo erro. Nem Deus havia de permitir que fôssemos arrastados a crer em tudo o que se nos apresentasse com o véu de mistério.

Temos, pois, gera a distinção, um meio, e esse meio, posto à nossa disposição, é infalível como obra de Deus, mas é limitado em sua aplicação, na razão do desenvolvimento humano.

Assim, só depois do ensino moisaico, que supõe um desenvolvimento humano superior ao do tempo de Abraão, foi que o homem, usando do infalível critério, na medida do seu esclarecimento, reconheceu o vício do que antes parecia virtude: ter um homem mais de uma mulher.

Assim também, pelo maior desenvolvimento humano, só depois do Cristo foi que o homem, usando do infalível critério, reconheceu os vícios da lei de Moisés.

Semelhantemente, só agora, depois de largo desenvolvimento humano, é que reconhecemos as impurezas que escaparam aos espíritos mais atrasados.

A fé, portanto, não embarça que se limpe a religião das impurezas humanas que a inquinam e o meio de fazer-se esta operação é aplicar o

critério infalível.

O Espiritismo fê-lo, como fez o Cristianismo, como fez o Moisaísmo, e, assim como estes acharam o que depurar, o Espiritismo achou o princípio da vida única, com seus correlativos. Este princípio cai, portanto, diante da nova luz, como caiu o código draconiano do olho por olho, como caiu a liberdade de casar um homem com várias mulheres.

Deixemos, porém, isto e vamos ao último ponto que anunciei:

Princípios Fundamentais do Espiritismo

Os princípios fundamentais do Espiritismo devem ser considerados em relação à gênese dos espíritos, à sua evolução e ao seu destino. São três pontos que reclamam a maior atenção e que constituem o edifício da nova doutrina.

Estudemos a gênese.

Seria indigno da Onipotência e da Onisciência limitar a criação viva e, portanto, o movimento e a luz, a insignificantíssimo ponto do espaço ilimitado. O simples bom-senso repele essa concepção e estabelece a oposta: a de haver luz e movimento e, conseguintemente, vida, por todo o infinito espaço. E a pluralidade de mundos habitados pela humanidade, que emerge desta última concepção, que exalta a Deus, tanto como a oposta o mesquinha.

O Espiritismo admite em sua Teogonia este princípio e esse princípio não é diabolismo, porque é conforme com o critério absoluto da verdade.

Também ele consigna a lei da constante e eterna criação de mundos e a Ciência confirma este postulado, demonstrando que as nebulosas cospem constantemente nos espaços núcleos de novos mundos. Cada um destes é mais uma habitação acrescentada à casa do Pai, a qual precisa alargar-se constantemente, porque acontece com a criação dos espíritos o que se dá com a dos mundos.

Deus criou espíritos de toda a eternidade e criá-los-á por toda a eternidade. Também isto não pode ser diabolismo, porque isto magnífica e engrandece o Senhor.

E' verdade que V. notará aqui divergências com a gênese bíblica, que dá o Senhor criando um único par humano, depois do que entrou em repouso. Que houvesse, não era razão para ser repellido, porque a criação única amesquinha, tanto quanto a múltipla e eterna exalta, e porque esse repouso de Deus, antes e depois da criação do mundo, é até blasfemo.

Não há, porém, divergência, e o repouso de Deus, depois da criação da Terra, tem a mais satisfatória explicação.

A gênese espírita compreende a criação universal, ao passo que a bíblica se refere à especial da Terra.

Deus criou sempre e criará sempre, como é de simples intuição e o afirma o Espiritismo; mas cria cada mundo num tempo, como é de razão, e o afirma a Bíblia com relação a Terra. A divergência fica assim explicada.

Quanto ao repouso, temes a mesma distinção.

Deus está em constante atividade, porque a falta desta seria a sua extinção; mas descansa a respeito de cada mundo que cria e a que põe leis eternas, que dispensam sua constante intervenção. O repouso é, portanto, relativo e não absoluto, como parecerá a quem ler o Gênese e supuser que Deus só criou este mundo e esta gente que o habita. Já vê que o Espiritismo, em vez de procurar comprometer, como faria um inimigo, explica o que parece comprometer como faz um bom amigo.

Mas... continuemos. Os espíritos são criados na mais perfeita identidade de condições. São criados em ignorância; mas com todos os meios precisos, também latentes, para conquistar a suma virtude humana.

Todos recebem, com as faculdades e meios de que falei acima, idênticos em toda a liberdade, também idêntica, de pô-los em jogo para sua elevação. Isto não é diabolismo, porque essa igualdade perfeita, na distribuição dos seus dons por todos os filhos, exalta e engrandece o Pai.

E isto é a síntese da gênese espírita.

Passemos à evolução dos espíritos.

Os espíritos, criados em ignorância e inocência, começam a agir, a desenvolver suas faculdades intelectuais e afetivas, cada um como bem lhe parece, usando de sua liberdade. Daí resulta que, logo no primeiro páreo, uns empenharam toda a sua força naquele desenvolvimento, outros empregaram menos do que podiam, outros ainda menos, e assim por diante, até aos que não deram um passo no caminho do progresso.

No fim dessa primeira existência, o Juiz indefectível julga a todos segundo seu trabalho, não deixando falta impune, nem esforço sem animação.

Aqui não pode haver diabolismo, senão em não haver juízo definitivo e condenação, ou glorificação eternas. Isto, porém, já mostrei que é dogma de caráter humano, que inquina a religião, comprometendo as perfeições infinitas do Altíssimo.

Os espíritos, que empregaram todo o esforço em vida, sobem, por

animação, alguns degraus na longa escada que leva à maior perfeição humana, em cada degrau da qual, à medida que se vai subindo, tem-se mais amor ao progresso, pelo saber e pelo bem, e recebe-se, na mesma relação, maior ou menor sopro da felicidade, cuja plenitude só se goza quando se chega ao último degrau.

Ao contrário do que fez o que podia o espírito que não usou de seus meios de progresso fica estacionário, até que faça jus a subir de grau, sofrendo no espaço as penas de suas faltas. E sofre-as por séculos de séculos, até que se converta se arrependa e faça propósito de emendar-se. E sofre-as tão duras e aflitivas, como as que se descrevem no inferno, com a única diferença de que não matam, mas purificam, corrigindo, e de que cessam desde o momento em que o espírito, sempre usando da sua liberdade, curva a cerviz à lei do progresso e do bem.

Tanto o bom, premiado, como o mau, castigado e arrependido, reencarnam para progredirem, pois que é impossível galgar o topo da escada em uma vida única.

Mas, então, vemos essa desigualdade que tanto nos impressiona: uma criança despontando na vida com tendência irresistível para o bem, ao passo que outra apresenta uma tendência igual para o mal; porque cada espírito começa a nova existência no ponto em que concluiu a passada, e é por isso que vemos uns dotadas de inteligência genial, e outros estúpidos como pedras. E é por aí que se explicam as vocações especiais e as idéias inatas.

Em a nova existência, o espírito perde a lembrança do que foi para poder usar plenamente de sua liberdade e fazer mérito ou demérito. E, nela, cada um vem a expiar as faltas da passada e fazer provas de ter, pelo arrependimento que lhe suspendeu o castigo, abraçado sinceramente o princípio do bem.

A nossa missão, pois, reencarnando, é: lavarmo-nos das manchas passadas e adquirirmos maior desenvolvimento intelectual e moral, para subirmos.

Nossas provas na vida corpórea são variabilíssimas, mas sempre em relação com as passadas faltas. Fomos, por exemplo, senhor bárbaro e desumano, voltamos na condição de escravo, para sofrermos o que fizemos sofrer. E, se sofreremos a dura prova com resignação, louvando a

Deus e oferecendo-lhe nossas dores em desconto das nossas faltas, teremos satisfeito à difícil missão e subido algum ou alguns degraus da escada, quando morrermos.

O que falha à sua missão, revoltando-se contra as provas, vai sofrer penas cruéis e tem de repetir a experiência em tantas existências, quantas levar endurecido.

E assim, sofrendo depois de cada vida a pena das faltas que cometeu nela e voltando a nova encarnação para expiar aquelas faltas e progredir pela prática das virtudes opostas, sobe o espírito, a um por um, todos os degraus da longa escada que leva à casa do Pai.

Alcançar esta casa é o destino humano. Mas não pode entrar aí, no palácio do Rei dos reis, na morada do Senhor de todas as perfeições, senão o espírito desmaterializado, o que tem adquirido o maior saber que é dado ao homem e a mais alta virtude de que é capaz a natureza humana.

Daí a necessidade de sofrermos com resignação, pelo amor de Deus, todas as provas de expiação que nos forem impostas em nossas existências.

Quem mais trabalha mais lucra. Quem mais depressa anda mais depressa chega. E o incentivo para trabalhar e para apressar-se é tal que arrebatava.

O mais difícil é chegar-se a um ponto de progresso, donde se pode compreender o glorioso e esplêndido destino que espera a Humanidade. Glorioso e esplêndido, pois que o homem, desenvolvendo sempre as suas faculdades intelectuais, para o saber, e as afetivas, para a virtude, chega a uma transformação de sua natureza, não restando, deste que conhecemos na Terra, senão a forma e a essência espiritual.

Compreendido tão alto destino, não há mais quem fraqueie, pois que, à sublime visão, fazemos das fraquezas forças.

Em última análise, o destino humano é a perfeição: saber e virtudes, quais possuem os anjos. E a esse supremo grau de perfeição humana corresponde o mais elevado grau de felicidade, que nós da Terra mal podemos compreender. Sem esse grau de perfeição não podemos entrar na casa do Pai.

Diga-me V. se a Igreja, com o seu inferno e a sua vida única, oferece mais incentivo para a alma desejar o bem e mais repressões para ela

procurar afastar o mal.

A diferença que há entre a Teogonia da Igreja e a do Espiritismo está unicamente nos princípios da vida única e das penas eternas, que, já vimos, atacam as perfeições do Criador.

Onde, pois, o diabolismo da Teogonia espírita?

Ela só dá o prêmio a quem conquistar o saber e a virtude.

Ela faz consistir a virtude no exercício da moral de Jesus Cristo.

Ela não deixa a mínima falta humana sem punição.

Ela dá ao homem todo o poder para preparar seu destino.

Ela ressalva a responsabilidade do Criador em todas as vicissitudes da vida humana.

Ela consigna o auxílio de Deus em prol do nosso progresso, não por graças individuais, que seriam preferências e exclusões, mas pela revelação das verdades, verdadeiros faróis, que ensinam a todos o porto da salvação.

Ela, finalmente, coloca mais alto do que jamais se cogitou o destino do homem.

Onde se encontra mais animação para o aperfeiçoamento da alma?

Se o inferno fosse uma verdade, quantos estariam lá, só pelo temor que ele inspira?

Com efeito, desde que nos dizem em nome do Senhor; pecaste mortalmente, morrerás in ceternum, o que caiu em tais pecados desanima e diz consigo: já que estou condenado depois da morte, aproveitarei ao menos este resto de vida. E em vez de procurar remir o pecado que o condena, em vez de se esforçar por melhorar, entrega-se de corpo e alma a todos os vícios que satisfazem à natureza material e carnal.

Sei que a Igreja oferece aos delinquentes uma escada para fugir ao incêndio: o arrependimento sincero durante a vida; mas quantos têm disposição de subir dos abismos em que caíram?

Não acontece o mesmo com o inferno espírita, inflexível quanto a não deixar impune a menor falta, mas com tantas portas de entrada como de saída.

Aqui, o homem, que cai, sabe que tem de sofrer duro castigo; mas não desespera, porque também sabe que o castigo não é eterno, é a correção do mal que fez e cessa desde que esteja satisfeita a eterna Justiça e o pecador se arrependa. Aqui, todo tempo é tempo de o ser perfectível se levantar e caminhar a seu destino.

Porque, do contrário, tendo depois da vida o encarceramento eterno, ele não é perfectível, salvo-se sua perfectibilidade é a que desenvolve nesta única vida. Nesta hipótese, temos dois monstros: a perfectibilidade não é a mesma para todos, visto que uns chegam às alturas de Platão e outros ficam nas condições do hotentote - e pouco se exige no céu para a sociedade de Deus.

Com efeito, se os nossos santos exprimem o maior saber, a corte do Céu não é mais brilhante do que têm sido algumas da Terra.

O Espiritismo considera o saber e a virtude da Terra um bom princípio para a conquista da acrisolada virtude e do sublimado saber que dão títulos para a sociedade de Deus. O santo, na Terra, vai ser neófito em um mundo mais adiantado e o santo desse vai sê-lo igualmente em outro superior e assim numa escala infinita. Além disso, a Igreja, por amor da sua vida única, faz exclusivo cabedal, para a salvação, da santidade. Resulta daí que o virtuoso, embora supinamente ignorante, vai consignado ao céu, à sociedade do Onisciente.

O Espiritismo ensina que só entra na casa do Pai o que adquirir a perfeição humana e que essa perfeição só a tem adquirido quem tiver chegado ao mais alto grau do saber e da virtude.

Ora, em todos estes pontos de Teogonia, qual das duas eleva o Senhor, a da Igreja, ou a espírita? Se a espírita é diabolismo, que será da ortodoxa? Será o caso de considerar-se inimigo o que mais se empenha em honrar e distinguir - e amigo o que abate e humilha!

E, pois, para concluir esta parte, fanei as seguintes considerações: a moral espírita não é obra de Satanás, porque é a pura moral de Jesus Cristo. A Teodiceia espírita não é obra de Satanás, porque é a pura Teodiceia da Igreja. A Teogonia espírita não é obra de Satanás, porque

todos os seus princípios são aferidos pelo infalível padrão da verdade absoluta, porque dão honra e glória ao Criador.

Onde, pois, está a razão de se repelir esta doutrina, que é tão elevada e tão pura como a de Jesus, da qual se manifesta, com esmagadora evidência, a continuação, o complemento?

A razão está no mesmo engano cego que levou o sacerdócio hebreu a condenar a divina revelação que nos fez o Redentor, porque atacava os princípios tidos por verdades.

Hoje, esse sacerdócio conhece que, em boa fé, sustentou a mentira contra a verdade. Amanhã a Igreja reconhecerá que combate a verdade por sustentar erros, que já fizeram o seu tempo.

Jesus, atendendo ao atraso do mundo, não proscreeu o inferno, como bem o compreendeu São Jerônimo. O inferno, porém, atento o progresso humano, por obra da divina luz emanada da Cruz, já fez seu tempo, já não é meio de repressão, já só serve para afastar da Igreja e da verdade todo o ser pensante que não está fanatizado. E como já fez seu tempo, eis que baixa do Céu a revelação da doutrina verdadeira, que deve substituir os falsos princípios tolerados como verdades, para servirem de veículos às verdades.

Além de que as revelações progressivamente mais amplas se têm feito de dois em dois mil anos e já está decorrido quase esse tempo depois da de Jesus; além de que essas revelações têm descido quando a Humanidade há realizado um bem acentuado progresso e ninguém pode negar que o tenha realizado de Jesus para cá; convém considerar que se sente, no seio do mundo terrestre, a efervescência de um vulcão moral, que pressagia sempre erupções religiosas.

O Sinai e o Calvário simbolizam revoluções morais, no sentido de saciar a sede de luz que afligia a Humanidade daqueles tempos.

No tempo de Moisés, o povo já não se continha diante do ensino abraâmico. No tempo de Jesus, já não se continha diante do ensino de Moisés. Hoje, não há negá-lo, a Humanidade não se contém diante do ensino da Igreja, exclusivamente por causa de sua estreita Teogonia.

Pois bem. A nova revelação não altera a moral da Igreja, que todo o mundo acata, não altera a Teodiceia da Igreja que só meia dúzia de infelizes repele - e isso por causa da tal história do inferno e penas

eternas; mas altera exatamente o que à Humanidade repugna - a Teogonia - e, na Teogonia, exatamente o que só o fanatismo abraçou: os dogmas da vida única com as penas eternas.

Agora que V. já conhece as minhas idéias, vou dizer-lhe o meu credo.

Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra. Creio em Jesus Cristo, seu dileto Filho, Nosso Senhor e Redentor. Creio que a Igreja foi instituída por Ele para ensinar sua santa doutrina e que é assistida pelo Espírito Santo nesse santíssimo mister. Creio na comunhão dos Santos, na ressurreição da carne, na vida eterna.

Não creio na lenda dos anjos decaídos, porque crer nisso valeria por negar a onipotência e a onisciência do Senhor. Não creio que o mal possa triunfar do bem, eternizando-se, como este, no reino de Satanás. Não creio que um espírito criado pelo Senhor possa fazer-lhe frente, resistir-lhe e destruir-lhe os planos e nem que o Senhor permita isso, servindo-se do rebelde para castigar o rebelde, porque, nesse caso, Deus não criou o homem para o bem, para a felicidade. Não creio na 'vida única, porque o homem é perfectível. Não creio nas penas eternas, porque Deus é pai. Não creio na infalibilidade do papa, porque assim teríamos um Deus no Céu e outro na Terra.

E a comunicação dos santos significa, para mim, a comunicação dos espíritos. E a ressurreição da carne significa a reencarnação dos espíritos.

Eis o meu credo e digo-lhe: que tenho fé viva e esperança firme de subir com ele à sociedade de Deus na eternidade.

Pouco nos resta de vida, a mim e a V.; pouco nos falta para nos encontrarmos onde, livres da obsessão da carne, possamos conhecer se tenho ou não razão.

Paz e amor em Jesus Cristo Nosso Senhor.

Rio, 31 de Maio de 1886.

(Assinado) Seu irmão ADOLFO. (*)

() Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) foi presidente da Federação Espírita Brasileira em 1889, vice-presidente em 1890 e 1891,*

e novamente presidente de 1895 até a sua desencarnação, em 11 de Abril de 1900.